

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. Wanderley Guilherme dos Santos III (depoimento, 2011). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (3h 9min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPQ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Wanderley Guilherme dos Santos III
(depoimento, 2011)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Arbel Griner; Fernando Lattman Weltman; Helena Maria Bousquet Bomeny;

Técnico de gravação: Bernardo de Paola Bortolotti Faria; Marco Dreer Buarque; Thais Blank;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 21/07/2011 a 07/10/2011

Duração: 3h 9min

Arquivo digital - áudio: 4; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 4;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Cientistas sociais de países de Língua Portuguesa: histórias de vida”, com financiamento do Programa de Cooperação em matéria de Ciências Sociais para os países da comunidade de Língua Portuguesa (Programa Ciências Sociais CPLP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Para ter acesso à transcrição e ao vídeo da entrevista [clique aqui](#).

Temas: Alvaro Vieira Pinto; América Latina; Anos 1960; Assuntos familiares; Atividade profissional; Brasil; Cândido Mendes de Almeida; Ciência política; Ciências Sociais; Cooperação acadêmica; Crise de 1954; Diretórios acadêmicos; Ditadura; Ensino superior; Estado e sociedade; Estados Unidos da América; Filosofia; Formação acadêmica; Formação escolar; Formação profissional; Fundação Ford; Fundação Getulio Vargas; Governos militares (1964-1985); Identidade; Infância; Instituições acadêmicas; Instituto Superior de Estudos Brasileiros; Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); Intelectuais; Intercâmbio cultural; Intervencionismo; Ligas camponesas (1955-1964); Militância política; Movimento estudantil; Obras de referência; Participação política; Pensamento filosófico; Pensamento político; Pensamento social; Pesquisa científica e tecnológica; Política; Pós - graduação; Produção intelectual; Psicologia; Serviço Social do Comércio; Teatro;

Sumário

1ª Entrevista: 21.07.2011 As origens familiares; juventude em Vila Isabel; os colégios que frequentou; o gosto pela leitura; a busca por um emprego; o interesse pelo teatro; a inclinação inicial pela psicologia durante o curso científico; a aproximação com o professor de filosofia do colégio; a participação num grupo de teatro amador; o início da faculdade de Filosofia; o impacto da crise de agosto de 1954 nas suas convicções políticas; o primeiro semestre; o trabalho como professor particular; o desencantamento com a psicologia; o envolvimento com a faculdade; o segundo semestre do curso; a importância da educação “de vida” aprendida em Vila Isabel; o ambiente universitário; a atuação no diretório acadêmico; as perspectivas de emprego após a graduação; a dificuldade conciliar o trabalho no diretório acadêmico e os estudos; a expectativa de se tornar assistente do professor Álvaro Vieira Pinto após a faculdade; os conflitos com a direção da universidade; a nomeação de Eremildo Luiz Vianna como diretor; o inquérito administrativo do “Clube da Cueca”; o trabalho no Serviço Social do Comércio (SESC); convite do professor Vieira Pinto para ir trabalhar no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), em 1960; a ida para o SESC em meados de 1959; o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB); os conflitos internos no ISEB no início dos anos 60; a proposta original do ISEB em se afastar do ambiente universitário; o estudo sobre a história da filosofia no Brasil; a demissão do SESC em 1963; o engajamento político no início da década de 60; a identificação com a corrente nacionalista; envolvimento com as Ligas Camponesas; o crescente interesse em estudar o pensamento político-social brasileiro com um olhar filosófico; o Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (IUPERJ); encontro com o ex-colega de ISEB Gilberto Paim; contato com Cândido Mendes e a proposta para refazer o ISEB; convênio entre a Universidade Cândido Mendes e a Fundação Ford para criar a IUPERJ; a primeira geração de professores do mestrado da IUPERJ; a conformação do programa da IUPERJ ao padrão americano, em 1970; o período de 1967 a 1970 passado na universidade de Stanford; a identidade como cientista político; a reestruturação da grade horária da IUPERJ; a convivência com o momento político da época, de ditadura militar.

2ª Entrevista: 07.10.2011 A criação do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); os programas de convênios da Fundação Ford; a ida aos Estados Unidos financiada pela Fundação Ford; o início das atividades no IUPERJ com programas de mestrado; o direcionamento acadêmico do IUPERJ; o primeiro grupo de cientistas sociais que integrou o IUPERJ; os objetivos iniciais do IUPERJ; o caráter de intervencionismo político da IUPERJ; a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS); o papel da IUPERJ na criação da ANPOCS; acordo com os departamentos acadêmicos de São Paulo; a proposta inicial da ANPOCS; a interseção entre política e filosofia; o envolvimento com política desde a época na faculdade; escritos

políticos nos anos 60; influências intelectuais; admiração pela obra de Jean-Gabriel de Tarde; contato com pensadores brasileiros; passagem pela Fundação Getúlio Vargas; os contatos acadêmicos com países da América Latina; a tendência ensaística dos trabalhos acadêmicos sul-americanos; interlocução com países de língua portuguesa; os caminhos futuros das ciências sociais no Brasil; a tendência da pesquisa micro; a carência de um diálogo entre a dinâmica social e a dinâmica intelectual brasileira; reflexões sobre a sociedade brasileira atual; diferenças entre a produção intelectual acadêmica e a produção direcionada ao público em geral; os desafios do Brasil pós-1988; ausência de estudos sócio-políticos em profundidade sobre temas pertinentes à nova fase do Brasil; a identidade intelectual; o professor Álvaro Borges Vieira Pinto; a importância da perspectiva interdisciplinar nas ciências humanas.

1º entrevista: 21/07/2011

Helena Bomeny – Mestre querido. De fato, muito honrada de estar, aqui, com você hoje e muito feliz de, finalmente, esse projeto ter a sua colaboração – que estava faltando. E uma maneira que a gente tem tido de começar é, exatamente, do começo. Eu queria que você voltasse às suas lembranças de família, onde é que nasceu e como foi o primeiro estudo. A primeira lembrança familiar.

Wanderley dos Santos – Bem, eu nasci em Catumbi - um bairro que, agora, foi destruído, era um gueto de ciganos – mas, aos quatro anos, a minha família... Quer dizer o meu pai e a minha mãe se mudaram para Vila Isabel, onde eu cresci e onde eu fiquei até os dezesseis anos. Cresci na rua. Eu morava numa vila... Vila Isabel é um bairro modesto, os meus pais eram modestíssimos, e eu vivia na rua jogando pelada e fazendo tudo que, eventualmente, se pode ler num romance sobre o passado dos bairros brasileiros. Estudava e era um dos poucos que estudava, todos os colegas de rua eram de família pobre também e nem todos estudavam.

Eu estudava por gosto. Ademais, minha mãe investia muito nisso porque, aos seis anos de idade, eu perdi o meu pai. Então, na realidade, eu fui criado por minha mãe, por minha tia-avó e meu tio-avô, que foram morar com a minha mãe em Vila Isabel. A minha mãe era muito moça. Quando eu nasci, ela tinha quinze anos de idade e, portanto, ela ficou viúva aos vinte e um anos. E foi trabalhar e tudo mais. Então, quando eu digo vivi na rua, é porque eu não vivia trancado em apartamento. Quando não estava na escola, eu brincava na vila e brincava na rua porque tinha pouco trânsito – era onde se brincava. Mas estudava sempre em colégio particular. Eu só fui usar de escolas públicas na faculdade – eu sempre estudei em colégio particular.

H.B. – Isso é uma nota distinta, não é?

W.S. – É. Eu só me dei conta disso com décadas depois, não é? Mas nunca frequentei a escola pública.

H.B. – E você se lembra do nome da escola? Em Vila Isabel mesmo?

W.S. – Lembro. Eu me lembro a partir do... Tinha, como é que se chama? Jardim da infância, essa coisa, eu não me lembro mais. Mas, no primário, eu lembro: era Escola João Lira, na Rua Barão de Bom Retiro. Depois, eu fui estudar no Colégio Rabelo, na Mariz e Barros, quase em frente – não existe mais – ao Colégio Militar. Eu fiz o ginásial ali. Depois, eu fui estudar no Instituto Lafayette, na Tijuca. Aí eu já morava

na Tijuca, para onde eu mudei aos dezesseis anos. No Instituto Lafayette eu fiz os dois primeiros anos científicos. Depois, eu resolvi que iria trabalhar – até então nunca tinha trabalhado – e queria estudar à noite. Então, eu fui estudar no... Chamavam antigamente de Boate, era pagou, passou – isso à noite -, e chamava-se Colégio Frederico Ribeiro lá, na Rua do Ouvidor – num segundo, terceiro ou quarto andar de um prédio. Muito esquisito esse negócio, eu nem me lembro direito mais como era aquela confusão. E saí procurando emprego. Para isso, eu aprendi datilografia e estenografia. Procurava empregos no jornal, nos anúncios, em serviços de escritório, não é? Fui a vários, fazia prova de datilografia, estenografia, etc. E já estava no científico, então, era meio que saidinho, conversava. Eu lia muito. Desde pequeno eu gostava muito de ler por minha conta, não tinha livros em casa. Depois eu conto como é que cheguei nos livros.

H.B. – Mas esse gosto de leitura, você acha que pode ter alguma associação com o gosto da mãe pelo estudo? Ou não?

W.S. – Absolutamente não tinha nada a ver. Foi casual. Quer que eu fale sobre isso agora? Senão depois eu esqueço.

Fernando Weltman – Sim.

W.S. – Eu estava no ginásial, no segundo ano do ginásial precisamente – eu me lembro até hoje – e um colega, cujo nome me lembro, Jorge, na aula de inglês, ele puxou debaixo da carteira um livro, deixou a aula para lá e ficou lendo o livro. Eu olhei... Quando ela falava, ele fechava o livro. Tinha uma capa linda, eu fui atraído pela capa do livro. Na hora do recreio, eu disse: “Que negócio é esse?” Ele disse: “Eu sou...” O pai dele e a mãe dele assinavam uma coleção chamada *Coleção Saraiva*. A editora Saraiva publicava livros e vendia em casa para os assinantes. Tinha outro também, à época, paulista, chamado *Clube do Livro* – mas esse eu não frequentei. Eu disse: “Mas eu quero participar.” Aí, eu dei para ele o endereço e, um dia – eu morava ainda em Vila Isabel –, bateu na minha porta um cidadão trazendo um livro. Eram cinco cruzeiros que custava cada livro. Ou mil réis. Eu não me lembro mais qual era a moeda. Eu sei que era assim, barato à beça. O primeiro que ele já trouxe logo foi *Quo vadis?*, desse tamanho assim; o segundo foi *O Feijão e o Sonho*, de Orígenes Lessa; depois, *Os Últimos Dias de Pompéia*; por aí vai. Eu recebi aquele livro pela capa... Não foi aquele livro, eu não sei nem qual era o livro. Aquele que eu olhei pela capa linda, “você tem que ler isso” [riso]. Mas, na verdade, eu já tinha lido um outro, antes, chamado *Benfeitores da Humanidade*, e eu tinha ficado encantado. Eu não sei como

esse livro apareceu lá, em casa. Certamente foi emprestado porque a minha tia-avó era analfabeta, como foi o meu bisavô. A minha mãe não lia, trabalhava, não é? Eu não sei como apareceu. *Os Grandes Benfeitores da Humanidade* é a vida de inventores: inventor da máquina a vapor, do tear, do trem Maria Fumaça, Pasteur. Então, vários... Grandes... E eu lia a vida deles, as suas aventuras, as suas invenções e descobertas, e eu fiquei encantado com a história. Então, eu queria conhecer as histórias. Não era, digamos, a literatura no sentido estético enquanto literatura, eu gostava dos enredos – eu queria saber das histórias. Era alguma coisa equivalente às fitas em série, antigamente tinha fita em série – não sei se vocês lembram –, eram aventuras interrompidas nos momentos mais dramáticos. Como um filme do Indiana Jones, aqueles momentos dramáticos. Aquilo se fazia por semana. Você tinha que sair do cinema e voltar na semana subsequente para ver o capítulo seguinte. Os romances eram a mesma coisa, histórias que eu não precisava interromper porque eu podia continuar lendo... [riso] Mas era o

enredo que me atraía, não era a literatura enquanto literatura. Mas foi assim que começou, uma coisa leva a outra, e levou a tudo isso.

H.B. – Então, quando você entra nessa escola noturna, você já tinha esse hábito...

W.S. – Eu tinha uma vida dupla enquanto morei em Vila Isabel porque não era só um dos poucos que estudava como era, possivelmente, o único, ou um dos dois – porque eu nunca soube quem seria o segundo –, que lia; porque, na rua, eu tinha que pegar carona no bonde; tinha que entrar no cinema sem pagar; tinha que roubar maçã da Confeitaria Tijuca; tinha que ser homem, não é? Era a concepção prevalecente em Vila Isabel nos anos finais dos anos 1940 e início dos anos 1950. Então, se eu dissesse que lia qualquer coisa, era uma coisa meio esquisita. Então, em casa eu era o leitor ávido, passava o tempo lendo, [INAUDÍVEL] lia o tempo todo; na rua eu era o bagunceiro. No colégio idem. A partir do segundo ano...

F.W. – E você lia tudo o que caía na sua mão? Ou tinha alguma coisa que você...

W.S. – Não, não. Era a Coleção Saraiva. Eu não tinha dinheiro, não é? Um pouquinho mais adiante, eu comecei a ir às livrarias e escolhi Arsène Lupin, eu fui um leitor ávido de Arsène Lupin – aventura, o ladrão, etc e tal. Mas, durante anos, durante os primeiros anos, até chegar no científico, mais ou menos, eu lia aquilo que me trazia mensalmente a edição Saraiva. Então, foi assim que eu comecei a minha leitura. Quando eu cheguei ao Frederico Ribeiro e querendo trabalhar, eu já lia o tempo todo. Durante o dia, quando não estava fazendo exames. Mas nunca cheguei a trabalhar,

porque eu fazia bons testes, mas chegava na hora de preencher as fichas – preenchia tudo em fichas –, salário desejado, eu colocava um salário despropositado, entende?

H.B. – [riso] O salário desejado.

W.S. – Os eventuais patrões me chamavam: “Olha, tudo bem, você foi bem no teste de datilografia; estenografia; conversa bem; está estudando; mas esse salário já tá começando...” [risos] Eu não me recordo mais. Eu sei que, depois de algum tempo, eu me lembrava ainda dos números, eu falei: “Mas que absurdo!” Eu colocava um salário... Não, isso, não negociava. [risos] Inacreditável. Quem diria que, décadas mais tarde, eu trabalharia de graça. [risos]

H.B. – Você sabia que já podia, não é?

W.S. – Então, eu nunca consegui...

H.B. – Mas continuava estudando a noite?

W.S. – Eu continuava estudando à noite porque eu tinha que trabalhar. [risos]

H.B. – E fazendo propostas.

W.S. – Propostas. [risos]

H.B. – Impagáveis.

W.S. – Eu passei dois anos sem encontrar um patrão disposto a financiar aquela opção. [risos] Tudo para comprar livros, era tudo para comprar livros. Eu nunca fui de me vestir, não dava muita bola para isso, mas, quanto mais eu lia, eu mais...

H.B. – Queria. [risos]

W.S. – E os livros acabavam e eu tinha que ficar esperando até a minha mãe me dar mais dinheiro. Então, o meu assunto era me empregar para comprar livros.

H.B. – E quem foi o primeiro patrão?

W.S. – Aí eu queria comprar uma biblioteca pelo visto. [risos] Eu queria começar com uma pequena biblioteca, pelo salário... Fora dali... E eu era inegociável, eu não sabia bem essa história de negociar. Não tinha essa. “E aí?” “Sou nada.” [risos] Meu Deus do céu.

H.B. – Você fazer o científico e procurando trabalho.

W.S. – Procurando trabalho.

H.B. – Quando é que conseguiu?

W.S. – Não.

H.B. – Não conseguiu.

W.S. – Não consegui. [*risos*]

F.W. – Você foi para a universidade sem...

W.S. – Sem nada. Com a cara e coragem. [*riso*] Aí, quando eu estava no último ano...

H.B. – Do científico?

W.S. – Do científico. O curso de Filosofia era dado no científico. Até então, eu tinha por objetivo fazer a universidade, certo? Eu queria estudar porque eu gostava, mas eu queria estudar Psicologia. Eu achava que era a minha inclinação e era o que eu gostaria de estudar. Na época, Psicologia era uma disciplina no curso de Filosofia, não existia estudo de Psicologia à parte. Então, quando eu verifiquei que haveria Filosofia no científico... Devo dizer também que eu não escolhi o científico ao contrário ao clássico, não. É porque eu nem pensei nisso. Depois do ginásial, o científico.

B.H.- Você acha que tem uma coisa de gênero nisso? Os homens vão para o científico e as mulheres... Tinha, um pouco, isso?

W.S. – É possível. Eu não me recordo com muita clareza, mas é possível, porque eu nunca ouvi falar de clássico. Era científico. Termina o ginásio e faz o científico.

H.B. – Eu estou te falando porque eu tive que fazer o clássico. [*riso*]

W.S. – Te obrigaram a fazer o clássico. [*riso*] Então, no científico, era Filosofia. Quando eu vi que tinha teve filosofia: “Ótimo. Eu vou, dentro de filosofia, estudar Psicologia.” Acontece que quem foi o professor de Filosofia no Frederico Ribeiro, à noite, na Boate, era um cidadão que estava no quarto ano de Filosofia e se formava professor. No quarto ano você já podia começar a dar aulas porque você estava apenas tendo didática, prática de [ensino] e só didática no último ano. E ele estava se formando na antiga Universidade do Instituto Federal, IBF.

H.B. – IBF.

W.S. – Que ficava no Instituto Lafayette. À noite, Instituto Lafayette e virava Universidade do Instituto Federal. E, na verdade, ele estava se formando em Filosofia, mas gostava mesmo de literatura e teatro - ele participava de um grupo amador de teatro. Por conta das aulas de Filosofia, eu comecei a ficar encantado com Filosofia mais do que por Psicologia. Começou assim. Eu me aproximei dele por conta da Filosofia. Ele era jovem; ficamos amigos; e, aí isso quando eu comecei a fazer parte do grupo de teatro amador dele. Que era dirigido, então, se eu não me engano o nome – um polonês radicado no Brasil e tinha sido imigrante, a mulher dele era escultora e ele era professor de teatro na Universidade – Kosovski, se eu não estou enganado.

F.W. – E o nome de seu amigo, o seu professor?

W.S. – Eu vou dizer já. Acabou de falecer há dois, ou três, meses atrás. Luiz Carlos Saroldi. Ele, ao se formar, deixou a universidade e, então, não podia mais participar. Ele criou um grupo amador de teatro e eu fui participar. Eu participei durante todo o último ano, e isso foi no segundo ano... Os anos, agora, estão... Eu participei até o segundo ano da faculdade. Fiz teatro amador com esse grupo, chamado *Grupo Treze*, representamos no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, no Teatro Municipal de Niterói, televisão. Era um negócio sério. Era muito interessante.

H.B. – E isso já era a Faculdade de Filosofia... Nacional de Filosofia?

W.S. – Isso, no último ano, eu já estava participando. Por conta dessa aproximação, ele foi a primeira pessoa que eu conheci e com a qual eu podia conversar sobre literatura. Porque, durante todo esse tempo, eu vivi aquela vida dupla. Todo o meu meio social, mesmo na faculdade, no colégio e na escola, ninguém estava interessado nisso; e eu não conversava com ninguém – lia, lia, lia e não conversava com ninguém. Então, ele foi a primeira pessoa com a qual eu tinha conversa sobre literatura, romance, poesia e teatro. Ele me apresentou várias... Teatro, sobretudo. Me apresentou sobretudo teatro, não é?

H.B. – Quer dizer, abriu um mundo.

W.S. – Abriu um mundo. Então, eu me aproximei desse grupo, que é um grupo que fazia teatro e lia, gostava, etc. Foi o meu primeiro círculo social, digamos, intelectual.

F.W. – E qual era o repertório? O que vocês montavam? Como eram as peças?

W.S. – Olha, nós montamos *Está Lá Fora um Inspetor*, de Priestley; montamos *A Primeira Legião*, que era um negócio passado dentro de um seminário jesuíta – eu me esqueço o nome do [seminário] agora. O Saroldi sempre foi religioso a vida toda. Eu sempre achei essa peça do seminário muito ruim [risos], mas como tinha a história de um cidadão que se convertia, eu acho que era ele que se projetava muito naquilo. Mas, antes disso, eu passei pelo pai do Fernando – aqui presente – porque, quando eu morava em Vila Isabel... Eu estou misturando as épocas. Não tem importância, não é? Um colega de colégio, do Instituto Rabelo, ele era curumim da Rádio Tupi. Sabe o que é curumim da Rádio Tupi? Curumim é índio pequeno. A Rádio Tupi, ela tinha uma programação infantil muito grande... Tinha rádio novela, programa de auditório, canto, tudo isso dirigido por profissionais, atores e tudo mais, mas eram todas crianças. Estavam sendo preparadas e ensinadas a fazer rádio-teatro, a escrever. Então, esse colega de colégio – do Instituto Rabelo – me chamou para ir, e

curiosamente lá fui eu. Quem escrevia as novelas rádio-teatro para as novelas curumins chamava-se Moisés Weltman, que vem a ser o pai do Fernando Weltman.

H.B. – Viu porque você está aqui hoje?

W.S. – Às vezes ele dirigia também, mas... Quem dirigia era o Castro Menezes, se eu não me engano. Castro alguma coisa, que depois trabalhou em televisão. Castro Menezes, se eu não me engano. Mas, durante algum tempo, eu participei... Dirigi programa de auditório da Rádio Tupi. Imagina, não é? Muito saído. Muito abusado. Morria de medo, mas fazia.

H. B. – [riso] Ai que ótimo!

F.W. – E política, você já interessava nessa época?

W.S. – Um pouquinho antes. No científico eu comecei a me interessar por política. Eu passei a me interessar, fundamentalmente, através da crise de agosto de 1954. A minha família era lacerdista, e eu era lacerdista por herança – nunca pensava sobre isso. Lia e queria mesmo literatura. Mas, com o desenlace da crise, aquilo me chocou profundamente – teve um impacto enorme. Eu fiquei, realmente, com a...

H.B. – O que te mobilizou?

W.S. – Alguma coisa que, depois, eu encontrei na expressão literária no romance *A Leste do Éden*... Como é? Depois eu lembro. John Steinbeck! Há uma passagem no *A Leste do Éden* que eu não me recordo, eu acho que no filme eles não transcrevem essa passagem, são dois irmãos – a história é complexa, mas tem lá, dois irmãos, um bonzinho e mauzinho, quer dizer, um rebelde e o outro bonzinho o tempo todo; até que as coisas modificam no fim. E esse rebelde, em algum momento, está passeando com o pai; eles passam por uma árvore, aquelas árvores enormes que você entra nas raízes – há caverna até debaixo das raízes –, algo assim; e eles passam por uma dessas e o filho diz assim: “Era aqui que eu me escondia quando eu fazia alguma coisa e você estava me procurando.” Aí o pai responde assim: “Eu sempre soube.” Aí o filho diz: “Por que você não vinha me buscar?” E o pai responde: “Porque não se deve perseguir ninguém até tão longe.” Foi isso que eu senti na morte do Getúlio, não se pode perseguir ninguém até tão longe. Seja justo ou seja injusto, mesmo injustamente. Então, isso me provocou e eu passei a... *Imediatamente* eu mudei de lado sem informações maiores. “O meu lado não é o... O meu lado é esse.” Não provocou crise dentro da família porque as opiniões da família eram puramente epidérmicas, ninguém brigaria por isso - em geral, os meus tios, avós, etc. E minha

mãe o que... Ela mudou junto comigo; o que eu achava, ela achava também. [riso] Então, não tive muito problema nessa passagem. Passei a me interessar por política desde então. Aí lia, passei a ler nos jornais e tal, mas é uma relação de público atento, não de entender, saber o que está acontecendo. Foi assim. Nós estávamos onde? Nos curumins?

F.W. – Você falou dos curumins, mas você já estava entrando na faculdade.

H.B. – Já estava lá.

W.S. – Eu já estava na faculdade.

H.B. – E foi no teatro até o segundo ano, não é?

W.S. – Eu fui até o segundo ano. E foi fácil fazer isso até o segundo ano com o Saroldi porque, no primeiro ano, as nossas aulas eram pela manhã, exceto a aula de Psicologia que era à tarde. Pela manhã quer dizer às 9h da manhã. Nós tínhamos três cadeiras no primeiro ano, Introdução... Eu passei em quinto lugar, havia vestibular e tal... Eu cortei um pouco para dizer como é que eu cheguei... Não. Depois eu volto como eu cheguei. [riso] Introdução à Filosofia, Lógica e Psicologia.

H.B. – Que é um curso seriado. Aquelas disciplinas já eram revistas e prescritas.

M.S. – É. Exatamente. Era tudo quadrado.

H.B. – E eram três?

M.S. – Eram três. Introdução à Filosofia... E tinha *paper* no meio do semestre, além da prova parcial – chamava de prova parcial. Você tinha que apresentar um *paper* no meio do semestre e fazer a prova parcial; outro *paper* no segundo semestre e prova. Acontece que, ainda nessa perspectiva - no primeiro ano da faculdade – de arranjar emprego, eu era vizinho, então na Tijuca, de Manezinho Araújo. Era um cantor de emboladas que tinha se aposentado do rádio e tinha aberto um restaurante, Cabeça Chata, na saída do Túnel Novo – naquela praçazinha, onde tem edifício agora ali. Tinha o Cabeça Chata, que era um casarão antigo que ele adaptou para um restaurante; e eu comecei a frequentar o restaurante à noite para me divertir, não é? E conversando, lá, porque ele vivia lá em casa – ele e a mulher dele – jogando buraco; e eu jogava buraco também no final de semana. Ficamos amigos. Eu ia lá durante a semana porque os cantores e artistas de rádio frequentavam e eu gostava de ver. De vez em quando eles davam a chamada canja – ouvi Sílvio Caldas, Linda Batista

cantando – e eu ouvia. Fiz amizade com os garçons, dois garçons, que moravam na Barata Ribeiro 200.

F.W. – Famoso...

W.S. – O famoso duzentos. Acabaram me contratando para ensinar a eles português e aritmética. Então, quando fechava o Cabeça Chata, eu ia para o Barata Ribeiro 200 para ensinar aritmética e português [riso] a dois garçons do Cabeça Chata.

H.B. – Começou a trabalhar de graça?

W.S. – Não. Esse sim. Esse era pago! O primeiro trabalho pago que tive na minha vida foi esse negócio aí, professor de aritmética e português a dois garçons do Cabeça Chata. E atraía, também, essa profissão... Agora, é uma indiscrição que eu vou cometer porque eles moravam junto com senhoritas que entravam e saíam de vez em quando...

F.W. – Também trabalhavam.

W.S. – Que também trabalhavam, não é? Pra dividir o aluguel, etc e tal. Às vezes eu dormia lá. Então, me atraía muito, esse emprego. Acontece que raramente eu acordava a horas para ir para a faculdade [risos], chegava às nove horas da manhã. A faculdade era ali, onde é atualmente o consulado da Itália, na Antônio Carlos. Antes da Guerra, era embaixada da Itália; durante a guerra foi tomada pelos estudantes – quando foi declarada a guerra – e, depois, ficou. Então, estava se criando a Universidade do Brasil e foi para lá. Era ali que ficava e se chamava Faculdade Nacional de Filosofia, onde se formavam os professores e tal. Eu não chegava... Então o primeiro semestre foi um desastre. E as aulas de Psicologia à tarde eu odiava, eu vi que não tinha nada a ver com psicologia. [risos]

H.B. – Já sabia que não era.

W.S. – Não era. Porque era uma psicologia americana, aquela behaviorista. Eu disse: “Eu não tenho nada a ver com essa história.” O Instituto que depois virou Instituto de Psicologia, sempre foi marcado pela influência da psicologia americana behaviorista comportamental. [Eu era meio] aristotélico, alma... Embora a minha vida fosse um pouco mais materialista por essas coisas que eu passei – intelectuais. Então, eu passei o semestre sem ver a cara dos professores e eles nunca viram a minha; mas fiz um *paper*, escolhi um tema, mas continuava lendo, estudando, não é? Já que não tinha ido à aula, eu acordava e ia estudar.

F.W. – Esse *paper* foi a primeira coisa que você escreveu?

W.S. – Não. Eu tinha escrito já contos, tinha ganho um concurso na Tribuna da Imprensa, na rede [INAUDÍVEL] de Porto Alegre...

F.W. – Mas era ficção que você fazia?

W.S. – Ficção. É. A primeira coisa que eu escrevi intelectual, digamos assim, não ficcional, foi o primeiro *paper* para a cadeira de Introdução à Filosofia; e Lógica não tinha – tinha prova só.

F.W. – Você lembra qual era o assunto?

W.S. – Não. Não lembro qual era o assunto. Aí, fiz a prova; mas, a prova, o professor dava o tema, lá, você ficava escrevendo e não tinha fiscal – ninguém era louco de fazer algo. Era uma turma pequena também. Poucos eram aprovados. Eu fui embora, fiz lá, entreguei e fui embora. Eu nem conhecia os professores. Aliás, eu nem conhecia os colegas também, não é? [risos] Aí, quando terminaram as férias de julho, eu tinha acabado a minha carreira de professor de garçom, porque eles estavam achando muito caro e desistiram. [risos] Então, eu também não ia ficar gastando... Tomando coca-cola – eu não bebia nessa época – e comendo pizza. Não... Deixei de frequentar o Cabeça Chata. Então, no segundo semestre, as matérias continuavam - eram as mesmas; eu apareci lá, no primeiro dia de aula; e aí a interrogação na turma era quem é esse tal de Wanderley? [risos] Na primeira aula que eu não tinha comparecido, eu não sei por que motivo, o professor de Introdução à Filosofia havia perguntado: Quem é Wanderley? Ninguém sabia, porque eu tinha tirado dez, tanto no trabalho de estágio quanto na prova. Ele queria saber quem era. Então, eu fui lá; quem é? “Sou eu.” [risos] Aí, eu fiz amizade com logo dois que se aproximaram mais rapidamente e ficamos amigos depois por toda faculdade, e muito tempo na vida também – Alberto Coelho de Souza e Carlos Estevam Martins. Ficamos amigos inseparáveis. O Carlos Estevam e Alberto, depois, eles se dispuseram mais e eu fiquei amigo dos dois a vida inteira, até que a vida separou depois de 1964, sobretudo. Cada um foi para um canto. Mas, aí, foi assim a minha entrada. Eu passei a frequentar regularmente a faculdade, comecei a me envolver e fiz um círculo de amizade. Foi quando... A minha educação foi feita na universidade. A educação de vida foi feita na rua, em Vila Isabel. Tudo aquilo que são valores, digamos, liberais ou tradicionais – amizade, lealdade, honestidade etc. – eu aprendi na rua. O que é ser leal... Em situações de rua e bairro, quer dizer, onde têm brigas de bairro contra bairro; onde têm pobres e remediados. O grande problema da honestidade, do respeito à propriedade do outro – aquilo que era do outro, quer dizer, bola ou camisa que fica marcando baliza no chão. Então todos esses valores que nós levamos, eu aprendi na rua – nunca mais eu aprendi nada em lugar nenhum. A mesma coisa, pode reforçar... Reforço de dimensões novas, mas

essencialmente eu aprendi aí. E intelectualmente, quer dizer, preocupações do mundo, eu aprendi na faculdade. Depois, foi acréscimo.

H.B. - E era um ambiente interessante, Wanderley?

W.S. – Interessantíssimo porque você tinha, ali, todas as disciplinas. As pessoas que iam se formar seja em pesquisa, seja em dar aula, ser professor – Física; Matemática; Química; História natural; Geografia; História; Jornalismo; tudo... Desenho; Didática...; Pedagogia, eu quero dizer; Filosofia – todos os futuros professores da licenciatura estudavam ali; e, portanto, os professores top de todas as áreas davam aula ali. Astronomia... Tudo isso era ali que se estudava. Então você convivia... Eu fui presidente do diretório, e quem me antecedeu foi um matemático que depois virou um matemático famoso, o Constantino. Ele foi presidente do diretório antes de mim. Historiadores, geógrafos...

Isso tudo ali e, então, você convivia... No restaurante, porque havia o restaurante da faculdade ali, embaixo, onde hoje é uma agência de viagem, se eu não me engano, mas foi durante muito tempo, era o restaurante da faculdade, e nas atividades do diretório, nas coisas que aconteciam. Você convivia com o mundo da cultura. Mais complexo que aquilo não tinha.

H.B. – E você se sentiu atraído pelo diretório? Como é que você chegou? Você chegou presidindo o diretório?

W.S. – Eu cheguei assim: havia um conselho de representantes de departamentos. Chamavam conselho departamental porque havia o conselho departamental dos professores, do qual participava o diretório acadêmico, um número lá; mas havia o conselho departamental dos departamentos, que era composto por estudantes dos vários departamentos para cobrarem, ou vigiarem, o diretório acadêmico. E, não me recordo porque, me elegeram representante – pois eu estava no segundo ano – do departamento de Filosofia no conselho departamental; e eu fui. Embora eu soubesse que existia socialismo, liberalismo e essas coisas – obviamente que eu sabia... Comunismo, etc. Eu não tinha filiação nenhuma. Nem a favor e nem contra. Eu também não tinha preconceito. Eu me lembro muito bem, na primeira reunião que houve, teve uma discussão entre dois grupos que, obviamente, depois eu descobri: eram os grupos reacionários e os progressistas dentro da faculdade. Eu vi que não chegavam à conclusão nenhuma, não é? Aí, eu fiz uma interrupção extremamente desconfortável com o andar das coisas e virei o independente, o famoso independente. O independente que tinha opiniões interessantes sobre as coisas. Não era um idiota, mas era independente. Coisa rara ser independente e não ser idiota. [risos] À época todo mundo achava raro, mas era verdade. Eu não era tão idiota quanto eles pensavam, mas era independente. Aí, quando chegou a época de renovação do diretório acadêmico, eu estava no fim do meu mandato – era um ano de mandato –, e um grupo me procurou se eu não queria ser candidato ao diretório acadêmico.

Aí, estes, Carlos Estevam, Alberto Coelho de Souza e outros que já eram do meu grupo de referência dentro do departamento e dentro da faculdade: “Vamos, vai, vai...” “Vamos.” Aí, fui eleito por uma diferença muito pequena, 53 votos, a coisa foi difícil.

H.B. – Disputado.

W.S. – Se tivesse segundo turno, eu teria ido para o segundo turno. Aí fui para o diretório acadêmico.

H.B. – E a gente tem um intervalo grande da graduação e pro doutorado, você tem dez anos aí. Como que é? Você terminou o curso de Filosofia e o que se punha para alguém que tinha terminado um curso de graduação?

W.S. – É. O que se punha era o seguinte: você ia dar aula, não é? Ou ia dar aula nos colégios...

H.B. – Não no edifício 200 mais. W.S. –

Não. [risos] No fundo eu nunca saí do edifício 200. [risos] Ou melhor dizendo, todo o resto são variantes do edifício duzentos. [risos] Meu Deus do céu, isso não vai dar certo. Aconteceu o seguinte: ou você ia dar aula na própria faculdade.

Durante o meu curso, eu fiz um curso razoável. Não obstante, prejudicado durante o ano pela minha militância no diretório acadêmico – não no ano anterior em que eu fui apenas representante do conselho departamental, mas no ano do diretório acadêmico –

me tomou muito tempo e os meus estudos ficaram prejudicados. Mas o meu grupo de referência – o Carlos Estevam e Alberto – a gente estudava pra caramba. Estudávamos muito. Passamos noites estudando. Eu me lembro, o Carlos Estevam morava com a família dele no Rio Comprido e a gente ficava a noite inteira estudando. Amanhecendo a gente saía para fumar um cigarro e passear ali... Não tinha ainda o elevador e a gente saía passeando. Tem aquele rio ali, na Paulo de Frontin...

F.W. – Paulo de Frontin.

W.S. – É. A gente saía passeando ali e discutindo filosofia. *Heráclito*, Anaximenes, Anaximandro, empolgadíssimos. Estudávamos muito. Mas o ano do diretório acadêmico me prejudicou um pouco. A eles também, porque o Carlos Estevam foi ser diretor... O diretório acadêmico mantinha um curso preparatório para quem fosse fazer o vestibular. Todas as disciplinas. Então, estudantes de quarta série que não iam trabalhar, davam aula nesse curso, o cursinho, que era promovido pelo diretório acadêmico. O coordenador disso tudo – era muita gente e o diretório pagava porque tinha dinheiro com vendagem [inaudível] – era o Carlos Estevam; e o Alberto foi ser secretário de cultura, o que também tomou muito tempo. Eu resolvi fazer uma semana de aniversário da faculdade e foi uma festa – foi uma coisa fantástica, conseguimos recursos. O João [Vilaréia] – que vocês nunca devem ter ouvido falar – era um intérprete, ele recitava; era um português. Ele vinha de vez em quando ao Brasil e dava récita no Municipal, recitando poesias de autores portugueses e brasileiros – era espetacular. Nós contratamos o [Vilaréia] para uma noitada lá na faculdade; teve shows de músicos; teve um grande baile na Maison de France, nós contratamos também para comemorar o aniversário da faculdade. Teve muitas atividades ao longo de um ano. Então também comprometeu o estudo do Alberto. Ganhamos, depois, na sucessão, com uma diferença de duzentos e tantos votos – a cota foi muito boa. Eu fiquei muito feliz. Então, esse ano foi um ano prejudicial, mas eu estudava muito – todos nós estudávamos muito. E, desde o primeiro ano, aquele de “quem o Wanderley?”, Eduardo Prado de Mendonça, que era um catedrático sem concurso, ele não tinha feito... Naquele tempo tinha catedrático com concurso e quem não queria fazer concursos... Convidou-me para ser assistente dele quando me formasse já desde o primeiro ano. Então a minha expectativa pessoal era ser professor na faculdade. Depois eu fui convidado pelo Milton Campos, que era o diretor do Instituto de Psicologia – embora eu detestasse, eu era um bom estudante em Psicologia também – me convidou para trabalhar no Instituto de Psicologia. Eu jamais iria. E o Álvaro Vieira Pinto, que era professor de História da filosofia, catedrático com concurso em História da filosofia, convidou-me para ser assistente dele na faculdade. Então, eu aceitei o Vieira Pinto. A minha perspectiva era de ser professor.

F.W. – Professor de filosofia.

W.S. – Da Faculdade de Filosofia. Era isso que eu queria; e, particularmente, Filosofia grega. Tinha um probleminha, aí, que depois vai desabrochar de uma outra forma; eu não sabia grego.

F.W. – Mas o seu interesse era filosofia grega pré-socrática?

W.S. – É. Eu adorava. Os socráticos também, menores, Platão, Aristóteles e tal, mas os pré-socráticos... Foi por onde eu comecei. Mas acontece o seguinte: que durante o diretório acadêmico, foi eleito – em meados do meu mandato – diretor da faculdade alguém que ficou famoso no pós-64, chamado Eremildo Luiz Vianna. Ele foi eleito por uma coalizão progressista da faculdade, mas, rapidamente, se converteu em extraordinário conservador e reacionário.

H.B. – Isso antes do golpe?

W.S. – 1957.

H.B. – Pois é. Ainda em momento não esperado. Era mesmo a...

W.S. – O que significava, entre outras coisas, ser conservador e reacionário naquele tempo? Significava não promover concursos às cátedras que estavam ocupadas por catedráticos interinos – interinos há dez, quinze, 20 anos. Isso é uma demanda dos professores que haviam feito concurso, e isso é uma demanda do corpo estudantil que houvesse concurso para haver concorrência e competição pelas cátedras.

H.B. – E podia de alguma maneira atuar nessa direção?

W.S. – Podia. Bastava pressionar o Ministério da Educação e tomar posição a favor disso. Ele fazia parte desse grupo porque ele fez concurso, ele era professor de História Medieval – ele fez concurso. Ele fazia parte desse grupo que queria a inovação. Mas isso, aí, depois - para obter maioria dentro do conselho, ou sei lá onde – ele passou para o outro lado. Olha, isso foi uma traição total, não é? E, com isso, significava que a participação do diretório acadêmico, quando ele tinha direito de participar nos conselhos departamentais e no conselho universitário, ficou muito complicada; e teve, desde logo, um choque porque, na primeira reunião do conselho departamental, compareceu Hilgard O'Reilly Sternberg que era um catedrático interino de geografia – que eu vim a encontrar, anos e anos depois, em Stanford. Eu fui fazer uma conferência e ele era professor em Berkeley. Depois ficou famoso e tudo mais; morreu recentemente. Acontece que ele era catedrático interino e só podia fazer parte do conselho departamental, à época, quem fosse catedrático por concurso. Ele compareceu no conselho departamental e eu disse que ele não podia ficar; eu, como membro do diretório acadêmico, eu disse que ele não podia ficar. Foi uma briga, foi uma barbaridade. A partir daí, o conflito entre o diretório acadêmico e a direção da universidade foi total. Por conta disso, a inimizade do Eremildo em relação ao grupo do diretório – em particular, a mim – coisas de, realmente, adolescente jovem. Uma vez, eu passei por ele pela escada, eu vivia subindo e descendo a escada – não esperava o

elevador – mas ele também, ele era ativo; eu passei por ele e disse: “Nós somos iguais, nós estamos sempre correndo, só há uma diferença: eu estudo.” Eu nunca me esqueci disso porque ele parou na escadaria; os olhos, o olhar que ele me deu; eu disse: “Estou ferrado.”

F.W. – [*riso*]

W.S. – Entre outras. Foi barra pesada. Acontece que, no último ano, no segundo semestre, havia, nesse cursinho que eu falei, do vestibular, um dos nossos professores, que era colega desse grupo, teve um caso com uma menina – uma aluna que ia ser vestibulanda; e uma outra...

H.B. – Que ia ser vestibulanda?

W.S. – É. Que estava fazendo...

H.B. – Ainda não estava na universidade?

W.S. – Não. Ela estava fazendo o cursinho para fazer o curso. Ela era normalista, estava no último ano da escola normal e ia fazer o concurso. Teve um caso, lá, com esse professor. Uma colega nossa do primeiro ano, ela já estava na turma do primeiro ano, eu vou dizer porque ninguém vai saber quem é, Wanda – cujo apelido dela era Wanda Sputnik porque ela era muito generosa, circulava com muita facilidade e era linda – mantinha um diário. Ela ficou muito amiga desta outra pessoa – vestibulanda –

e partilhava dos segredos dessa outra; ela não só botava neste diário as coisas da sua vida pessoal como passou a botar, também...

H.B. – Confissões dos grandes amigos.

W.S. – Confidências. E, um dia, emprestou o diário dela a esta amiga. O diário veio a cair nas mãos da mãe da amiga que estava desconfiando desse vestibular na faculdade. Ela levou esse diário; entregou ao diretor da faculdade, Eremildo Luiz Vianna; e fez um escândalo na porta. Aí chegou o segundo marido dela, não o pai da moça – porque eles estavam separados -, para esperar esse colega sair porque queriam tomar satisfações. Ele ficou escondido dentro da faculdade. Foi um escândalo ótimo de aparecer nas páginas policiais. Falta na minha biografia. Eu quero deixar isso registrado: falta na minha biografia aparecer nas páginas policiais dos jornais por conta de algum *affair* passional, isso falta. Eu sempre tive essa oportunidade, mas tive medo; porque eu era presidente do diretório e não tem como... [*risos*] há medo. Acontece que o Eremildo Luiz Vianna pegou isso e instalou um inquérito administrativo...

F.W. – Ai meu Deus!

W.S. – Inquérito administrativo. Que virou, depois, rolou anos e virou um famoso inquérito sobre o Clube da Cueca. Eu não sei se vocês tiveram... Você, talvez, tenha tido notícia; eu não sei. O codinome desse negócio [INAUDÍVEL] um mar de lama, embora não tenha existido nenhum mar de lama. Houve um inquérito na Faculdade Nacional de Filosofia chamado inquérito sobre o Clube da Cueca, embora nunca tenha existido o clube da cueca. Tinha festinhas de vez em quando, mas não tinha Clube da cueca. Mas ele veio a aparecer no inquérito, posteriormente. E isto, o Vieira Pinto havia me indicado para ser assistente dele junto com o Alberto Coelho de Souza.

H.B. – Na faculdade?

W.S. – Na faculdade. Ele tinha direito de fazer isso. Mas, passando por cima de tudo... Era isso que eu ia fazer, eu ia ser assistente do Vieira Pinto passando por cima de tudo. O veredito, com base nesse inquérito administrativo, para o qual eu fui convocado e nunca atendi – eu e vários outros –, ele impediu a nossa entrada.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

W.S. – Então...

H.B. – Você estava contando que...

F.W. – Aí você não pôde ser assistente do Vieira Pinto por causa do inquérito.

W.S. – Então, bloqueou e eu fiquei inteiramente... Isso foi um baque muito grande. Foi um choque muito grande. Eu fiquei muito tocado, muito ferido e desnortado. Desnortado... O que eu vou fazer, não é?

H.B. – E o Vieira Pinto tinha que obedecer? Quer dizer, o diretor tinha essa prerrogativa e não quis...

W.S. – O Eremildo levou essa decisão para o conselho universitário que, legalmente, também legitimou. Então, o Vieira teria que fazer um processo junto ao Ministério da Educação, etc. Ele também não estava aí. Não gostava de nós até esse ponto. [riso] Quer dizer, era muita coisa. Ele não estava interessado mais na faculdade, ele estava

interessado no ISEB. Ele tinha uma opinião péssima da universidade. Universidade em geral. Então, fiquei inteiramente sem...

H.B. – ISEB é o Instituto Superior de Estudos Brasileiros.

W.S. - Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Até que... No início de 1960, passei um ano assim, nos encontrávamos sempre – quer dizer os três mosqueteiros, eu, Carlos e o Alberto... A mãe do Alberto tinha uma sala no Centro da cidade – ela normalmente alugava, mas deixou sem alugar e deixou para nós. Nós nos encontrávamos e continuávamos estudando – a gente se encontrava, lá, para estudar – ficávamos estudando e tal; e curtindo fossa. Aí, o Vieira Pinto me convidou. O Alberto, que fez concurso para o Pedro II, foi ser professor no Pedro II; o Carlos Estevam foi ser professor de colégio particular dar aulas de Filosofia; e eu não fui para lugar nenhum. Fiquei um ano sem tomar uma decisão. Até que, no início de 1960, o Vieira Pinto me convidou para ser assistente dele no ISEB.

H.B. – Você já conhecia o ISEB?

F.W. – Você já tinha a possibilidade de entrada?

W.S. – Ah, sim! Eu conheci o ISEB porque, durante o período da minha gestão no diretório acadêmico, nós convidamos o ISEB para fazer a primeira série de conferências dentro de uma universidade. Foi lá na Faculdade de Filosofia. Tínhamos ido lá, eu e o Alberto, encontrar com o professor Vieira Pinto; conhecemos o Roland Corbisier, Hélio Jaguaribe, conversamos. Aí, convidamos e eles foram fazer uma série, a primeira série foi feita lá. Então, já conhecíamos. Mas não frequentava, eu não frequentava o ISEB. Eu não tinha o que fazer lá. Ele me convidou para ser assistente dele. Eu aceitei, claro; e o que... Ah, não! O que aconteceu foi o seguinte, veja só: eu trabalhava. Finalmente, eu comecei a trabalhar. [risos] Com carteira assinada, uma coisa de acordo...

F.W. – Uma coisa que eu ia te perguntar, essa história veio de quê?

W.S. – De acordo com a legislação varguista. Finalmente, no meio de 1959, o tio de um grande amigo meu que tinha sido meu... No curso de vestibular da faculdade, me levou para conhecer o tio dele porque ele me admirava muito e queria que o tio dele me conhecesse. Eu fui lá, conhecer o tio dele; conversamos muito; ficamos amigos, era bem mais velho que eu; e pela terceira ou quarta visita lá – porque nós ficávamos ouvindo música, conversávamos sobre literatura, etc e tal... Jorge Rodrigues Coutinho. Ele

me convidou para trabalhar no SESC. Esqueci dessa história... Então, eu fui trabalhar no SESC e fui ser chefe de seção; chefe do setor de treinamento de pessoal. Não. Chefe de... Eu não me lembro mais. Era do setor de formação e treinamento de pessoal. Era o setor, era o departamento; e eu tinha uma seção, lá, que era de estudos, reflexões, etc. [riso] Trabalhar é o modo de dizer, não é? Eu ia e ficava mais fazendo reflexões sobre o SESC e a sua política de assistência social. Foi a primeira vez que eu vi assistente social na minha vida, foi lá no SESC. Aí, me pediram uma reflexão sobre qual deveria ser a orientação do SESC. Eu refleti e escrevi um... A primeira coisa que foi publicada foi *Política educacional do SESC*. Eu fazia uma reflexão sobre o SESC dentro da situação brasileira – já metido – e eu dizia que tinha que ser uma educação continuada; fazia uma reflexão sobre o que era educação... Já falando dos gregos. Botei toda aquela coisa lá. Isso virou *a filosofia de ação do SESC*.

H.B. – De ação.

W.S. - Imagine isso?

H.B. – Uns doze anos. É.

W.S. – Porque era o departamento nacional lá. Virou. E, depois disso, eu ganhei um status enorme, porque eu tinha formulado a política de ação. Não fiz mais nada. O que eu fazia: o SESC tinha uma biblioteca excepcional e eu comecei a descobrir os autores brasileiros ali. Eu descia para a biblioteca; ficava olhando as estantes; aí pegava... Roberto Simonsen: *História econômica do Brasil, As crises no Brasil*. Alberto Torres, não é? Eu comecei a ler...

H.B. – Isso é uma tradição que continua porque eles, recentemente, fizeram dois volumes de pensamento social brasileiro.

W.S. – É?

H.B. – É. Cada capítulo de um autor. Intérpretes do Brasil.

W.S. – Então, eu deixava o meu paletó lá e nunca levei... Depois de publicado esse *A Política Educacional do SESC*, eu nunca mais levei o paletó para casa e trouxe; eu deixava o paletó na cadeira. Chegava lá assim como eu estou aqui; passava o dia lendo; refletindo. [riso] Não fazia mais nada. De vez em quando tinha um

processozinho para despachar. Mas eu trabalhava no SESC e era assim que eu ganhava o dinheiro? Não. Eu comecei a ganhar dinheiro era lá.

H.B. – Mas então, quando o Vieira Pinto te chama para ir, você teria que escolher.

W.S. – Não. Eu escolhi ficar meio tempo. Eu fiquei meio tempo no SESC, a parte da manhã; e de tarde ia passar o tempo no ISEB – que não pagava. Foi logo no início de 1960, aquele período do Jânio Quadros; final do Juscelino e início Jânio Quadros...

Só... Não recebia, não tinha dinheiro. Só depois, com o Jango, é que veio a ter dinheiro. Mas, de vez em quando, saía um dinheirinho lá, ms não era... Regular mesmo era do SESC, o que me mantinha era o SESC.

H.B. – E o que era o ambiente do ISEB nesse momento?

W.S. – No início do de 1960, não é?

H.B. – É.

W.S. – No início de 1960, o ambiente do ISEB era bastante turbulento porque, em 1958, houve uma primeira grande crise com a publicação do *Nacionalismo na Atualidade Brasileira*, pelo Hélio Jaguaribe – isso provocou uma crise enorme. O Guerreiro Ramos saiu e vários saíram. Depois, em 1960, o Roland Corbisier saiu para ser candidato; foi eleito deputado... Deputado em 1960; mudou a capital; e, portanto, era um estado. Deputado do Estado da Guanabara. Era deputado estadual. O Hélio Jaguaribe se afastou também, porque o Vieira Pinto foi eleito, e já havia uma dissensão interna entre o pessoal que estava se radicalizando um pouco. Inácio Rangel, Domar Campos, da área de Economia, Nelson Werneck Sodré – que tinha ido para lá para substituir o Cândido Mendes no departamento de História, porque o Cândido Mendes foi ser assessor do Jânio Quadros; essa ala. E a ala do Hélio Jaguaribe e outros que eu não me lembro agora. Daqui a pouco eu lembro... Osvaldo Gusmão, que estava na Sociologia. Então, esses foram se afastando. Havia uma discrepância, uma divisão. Então o ambiente era um ambiente conflitivo; não era como antes, em que havia – pressuponho eu – havia uma integração muito grande entre todos eles porque o inimigo era externo – era a academia estabelecida. Depois de eles próprios estabelecidos, depois de cinco anos de atividade, seis, desde 1954, as brigas internas começaram.

H.B. – Quer dizer, o que movimentou mesmo a criação do ISEB foi uma contraproposta de reflexão que não passasse pelas universidades?

W.S. – Porque começou já com...

F.W. – Começou com o Ibsp, não é?

W.S. – É. Começou com o Instituto Brasileiro de Estudos de Sociologia e Política. Tinha o ‘Cadernos de Nosso Tempo’ etc. Era um grupo que se reunia para pensar o Brasil e eles não tinham ligações universitárias.

F.W. – Foi no governo Juscelino que a coisa começou?

W.S. – Hein?

F.W. – O ISEB foi criado no governo Juscelino? Foi isso?

W.S. – Não. O ISEB foi criado no governo Café Filho.

F.W. – Ah, no governo Café.

W.S. – Foi o Cândido Motta quem criou. No finzinho do governo Café Filho. E foi aí que eles juntaram, mas quem tinha ligação com os sistemas não era universitário – no Ibsp – que era o Guerreiro Ramos, que era da Fundação Getulio Vargas; o Roland Corbisier em São Paulo por causa de colégio secundário; o Hélio Jaguaribe não tinha nenhuma filiação e por aí vai. Jorge Fernandes... Não chama Jorge Fernandes. Não sei o que Fernandes – eu vou me lembrar – que era um diplomata também. Então, eles eram um grupo que... E não era contra, entende? Tinha a briga do Guerreiro Ramos com o Florestan, isso era particular, mas não era porque eram contra; era porque eles estavam fora e estavam pensando. Eles pensariam assim caso estivessem dentro da universidade. Ocorre que não estavam, não é? Mas o fato de não estar também ajudou, teria que criar alguma coisa que eles pudessem institucionalizar o que eles vinham fazendo. Aí não foi um desenho contra a universidade. Tornou-se, porque era. Então, o ambiente era assim, o ambiente era meio... Não era um bom ambiente. Era um ambiente em que... Conversar com o Inácio Rangel era sempre prazeroso – ele era brilhantíssimo. Então, era muito agradável.

H.B. – Mas cada um fazia o seu trabalho? Ou tinha coisas comuns e fóruns? Onde é que esse conflito acontecia, na época?

W.S. – Aconteceu muito pouco em termos institucionalizados porque o Vieira Pinto, que foi ocupar a posição de diretor do ISEB no lugar do Roland Corbisier, só reuniu uma ou duas vezes o conselho; do qual eu passei a participar porque ele me nomeou chefe do departamento de Filosofia do ISEB. Imagina. Totalmente ensandecido, não tinha nenhuma condição cultural, intelectual, de amadurecimento para chefiar o departamento de Filosofia do ISEB; mas já estava nesse pé, e eu, como tal, participei do conselho departamental, onde as discrepâncias eram enormes. Aí, ele não convocava mais pra reunião, e ninguém mais estava dando bola. Enfim, internamente, o ISEB já tinha acabado bem antes do que acabou.

H.B. – Quanto tempo, Wanderley, você ficou ali?

W.S. – Eu fiquei de 1960-1964.

H.B. – Você ficou até 1964.

W.S. – Até eu ser aposentado. [riso]

F.W. – Sim. Compulsoriamente.

W.S. – Compulsoriamente. Eu fui para lá, e o que aconteceu foi que o Vieira Pinto me pediu que pesquisasse a Filosofia no Brasil. Eu, estando lá, conversei com o Vieira Pinto e convidamos o Carlos Estevam; e o Carlos Estevam foi para lá, mas ele foi para o departamento de Sociologia a convite do diretor do departamento de Sociologia – o Gusmão nem apitou nesse caso. Mas ele prestava assistência ao próprio, ao Vieira Pinto. Ele nos pediu que estudássemos e fôssemos pesquisar sobre a Filosofia no Brasil. Bom, nós lemos o que existia naquilo de literatura produzida sobre o assunto – [INAUDÍVEL], fundamentalmente, e outros poucos – e começamos a ir para a Biblioteca Nacional pegar livros dos filósofos e começamos a ler. Depois de ler os filósofos que estavam disponíveis, começamos a frequentar os manuscritos... Não é manuscrito. Mas os livros que não estavam disponíveis e a gente tinha licença para entrar, colocar guarda-pó, pegar – não estavam disponíveis para o público – e pesquisar. E naquele montão de livro velho – xereta desde o segundo ano, agora não só xereta por causa dos desenhos da capa, mas para ver o que tinha dentro – eu começava a pegar aqueles livros velhos; e comecei a encontrar coisas como o seguinte: o Luiz Pereira Barreto, que era um filósofo positivista paulista do início do século XX, tinha, lá, livros de filosofia positivista e tinha o Brasil na entrada do século XX, no limiar do século XX, algo assim. Eu peguei isso para ler e fiquei encantadíssimo porque ele era um chato como filósofo. E era muito arguto escrevendo a situação social e política do país no limiar do século XX. Eu já estava em meados do século XX; passando um pouco. Eu comecei a ficar cada vez procurando, nos

filósofos que eu lia e, cada vez mais, achava muito chato aquilo, as obras não filosóficas dos filósofos; e aí eu retomei o que vinha fazendo...

F.W. – No SESC.

W.S. – Engatei com o que vinha fazendo no SESC. Eu fui demitido do SESC em 1963. Eu continuei trabalhando no SESC até 1963, quando eu passei dez meses fazendo um curso da CEPAL sobre desenvolvimento econômico – eu fiquei liberado do SESC para fazer isso. No Ano de 1963, o ISEB não teve praticamente atividade nenhuma, não tinha um centavo para fazer; eu ia lá de vez em quando. Mas fiz o curso da CEPAL. Quando eu voltei - em outubro de 1963, para o SESC, eles me demitiram. É porque eu tinha assinado carta de apoio à Cuba. Aí, eu já estava militando, não é? Já tinha escrito *Quem dará o golpe no Brasil?*, em 1961. Então...

H.B. – Impressionante isso. Porque, até aí, você não se identificaria, digamos, como cientista social, ou você ainda está mais identificado com a Filosofia mesmo? Ou você já está nessa procura do que o filósofo está escrevendo, que não é já a Filosofia? Você acha que isso já tem uma veia de Ciências Sociais?

W.S. – Não. Eu estava envolvido com a problemática político-social. Vinha desde a minha participação no ISEB.

H.B. – Já estava alterada.

W.S. – Mesmo no final de 1958 e 1959, eu já estava... A campanha de 1960...

F.W. – Mas isso se deu no ISEB? Ou, quando você chegou lá, já estava, digamos assim, engajado?

W.S. – Em 1960, eu já estava engajado; eu já estava procurando militância fora dos partidos institucionalizados, clandestinos ou não; eu já tinha passado muito rapidamente pelo Partido Comunista, não tinha ficado; conheci alguns estudantes, outros, lideranças estudantis que também não estavam satisfeitos e fizemos grupos para começar a tentar criar algum movimento novo; comecei a militar em favela, e significa, aí, três vezes por semana, à noite, em Acari para dar aula, alfabetizar e, final de semana, no Morro da Coroa, onde eu morava, em Santa Teresa, a mesma coisa.

H.B. – Você podia estar engajado, e participando como militante em causa social, e continuar filósofo. Que dizer...

W.S. – Não. Mas eu continuava filósofo. Eu continuava filósofo na minha cabeça e no que eu estudava. No que eu escrevia... É que eu não lia nada para escrever. Eu escrevia

[INAUDÍVEL]... Foi de discussão com as teses correntes sobre a política brasileira. E eu olhava e “discordo desse negócio”. Porque, já na faculdade, eu e o Carlos Estevam, de vez em quando, escrevíamos no Jornal Metropolitano, que era um jornal dos estudantes que saía e circulava como diário de notícias. Então, nós escrevíamos como Carlos Guilherme – nunca escrevemos juntos, às vezes, eu escrevia e, às vezes, ele, mas nós assinávamos sempre como Carlos Guilherme – e comentando assuntos de política, assuntos que já estávamos envolvidos. Desde a militância, no diretório acadêmico, obrigou a isso: a tomar posições; quem a gente chamava para fazer conferência; o outro lado. O Alceu de Amoroso Lima fez uma conferência lá, no debate, e disse: “Eu não sou nacionalista.” Eu mandei botar no quadro, do lado de fora da universidade: “Alceu de Amoroso Lima”; aspas; “eu não sou nacionalista.” Já estava envolvido nisso, não é? Nós montamos uma faixa: “Esta faculdade é nacionalista.”

F.W. – Sim. Mas você, hoje, como é que você definiria aquele Wanderley militante, naquela época? Você era um nacionalista-desenvolvimentista?

W.S. – Desenvolvimentista era uma palavra que, inclusive, não existia...

F.W. – Não existia. É anacrônica.

W.S. – Era nacionalista, não é?

F.W. – Sim.

W.S. – Era nacionalista. Certamente. Não tinha ainda... Não era socialista, não era comunista, mas também não era liberal. Eu não me sentia bem em nenhum dos dois lados. A experiência no Partido Comunista foi desastrosa porque eu levei algum tempo até tomar convicção, e me declarar como me declaro hoje: eu sou um intelectual pequeno-burguês. Intelectual pequeno-burguês não fica em partido tipo o Partido Comunista, fica insuportável. E eu... Isso é uma acusação, não é? Intelectual pequeno-burguês. Ninguém queria ser. Eu sou intelectual pequeno-burguês, ponto. Isto posto, eu me envolvi com movimentos das Ligas Camponesas; criamos o Movimento Revolucionário Tiradentes. Isso antes de 1964. Nos envolvemos com o movimento das Ligas Camponesas e o movimento urbano. Vimos como era um blefe por dentro. Vimos, quer dizer: eu; o Brandão – que, depois, foi deputado; o Araújo, marido da Dilma, Carlos Araújo, o segundo marido da Dilma. Eu, ele e Tarzan de Castro éramos as caras que fizeram o possível para desmanchar os besteirélios que o movimento que o Julião fez na área urbana, e algumas coisas nas áreas rurais, botaram uma porção de gente secundária com armas ao lado de fazendas latifundiárias; eles sabiam daquilo tudo, só estavam esperando pra liquidar aquela garotada. Isso a gente tinha feito antes de 1964. Mas,

em 1963, eu já tinha visto que isso não ia levar a nada. Eu já tinha escrito *Quem dará o golpe no Brasil?*; tinha escrito *Reforma contra reforma*. Isso não vai dar em nada. Eu tinha contribuído, junto com o Araújo e Tarzan de Castro, para desarrumar o movimento das Ligas. A polícia sabia de tudo! A polícia sabia de tudo e ninguém estava preparado para nada; era um blefe, aquilo – como ficou claro. Eles estavam provocando, e a hora que eles pagarem para ver, como que vai ser? E vão pagar. Então, em 1963, quando eu fui estudar e fazer esse curso em desenvolvimento econômico, eu já tinha parado com esse negócio todo; mas continuava assinando manifestos, etc. Eu assinava. Mas, quando eu voltei para o SESC, fui demitido, não é? Eu fiquei só no...

H.B. – E disseram o porquê? Demissão por...

W.S. – Só à boca pequena. Não tem mais necessidade de serviço.

F.W. – Mas, aí, volta. Você estava falando, então, que você começou a estudar o pensamento político-social brasileiro.

W.S. – É. Exatamente. Isso me encantava cada vez mais. Ao mesmo tempo, embora eu nunca tenha deixado de ler certas áreas de Filosofia – epistemologia, sobretudo – eu verifiquei que eu não... O Vieira Pinto foi o meu mestre – o meu paradigma de intelectual – ele sabia grego, sabia latim, sabia russo, alemão. Eu sabia inglês, francês, italiano [INAUDÍVEL]. O que eu gostava era de Filosofia grega e eu disse: “Eu não posso ser um professor de filosofia grega”, como era o José Américo, meu amigo, “sem saber grego”. Porque, inclusive, a discussão dependia muito de você interpretar filologicamente o que você estava lendo. Então, você fica ao sabor das interpretações de quem sabe grego. Eu não engolia o fato de ser um professor de Filosofia *grega* sem saber grego. Não existe isso. E, também... Portanto, isso me incomodava. Ao mesmo tempo, também, eu não achava que... O resto de Filosofia não me interessava, metafísica não me interessava. Essas coisas não me interessavam. Filosofia da natureza, que era uma coisa muito tomista. “Eu não estou interessado nisso. Eu não acredito na filosofia da natureza. Eu gosto de epistemologia, isso eu gosto; e isso eu posso avançar.” Quando eu não aceitei o convite do Eduardo Prado de Mendonça, eu abandonei a possibilidade de vir a ser professor de Filosofia em epistemologia, porque onde era dada essa cadeira. Na cadeira de História de filosofia, eu não poderia dar epistemologia, que era o que me interessava. Eu também não gosto – e mbora, talvez, seja surpresa – eu não gosto de História das ideias como disciplina; eu gosto das ideias. Muita coisa que eu li e que eu nunca mencionei porque não tinha a menor graça, o fato de ter antes de um, e depois de outro, não acrescenta em nada para mim. Então, não gosto. História da filosofia nunca foi, realmente, como história, uma coisa que me interessasse. Interessava os pré-socráticos. Então, ao lado de não querer saber daquilo que era a Filosofia no Brasil, institucionalizada; eu não queria saber daquilo. E o instrumental requerido para ser um professor honesto de Filosofia grega... Eu fui abandonando cada vez

mais a perspectiva e, ao mesmo tempo, eu me envolvia e gostando cada vez mais de pensar; cada vez mais pensava epistemologicamente sobre problemas econômicos, políticos e sociais. Então, eu fui juntando pedaços da filosofia que me interessava, buscando ter uma abordagem não dogmática, não escolar, no sentido de escolas ou doutrinas. Quando eu leio os sociólogos, eu leio como filósofo; ou, quando leio um cientista político, eu leio como epistemólogo – eu leio como filósofo. Eu não leio no sentido político. Eu vejo onde eles estão vulneráveis do ponto de vista do que eles propõem como proposição; do que eles apresentam como evidência e como aquilo é frágil logicamente. Eu leio como filósofo. Essa foi uma das vantagens, digamos assim, quando eu fui fazer o doutorado no exterior, porque tinha essa educação. Então, eu lia [INAUDÍVEL] e fazia interpretações que eles ficavam surpresos, mas cabia.

H.B. – Foi em sessenta e sete que você foi?

W.S. – Foi.

H.B. – Mas a gente tem um pedacinho, aqui, de sessenta e quatro; que, aí, é o golpe e essa coisa. Como você chega nesse doutorado?

W.S. – Primeiro, eu passei um ano e meio... A minha mulher era... No meu primeiro ano, ela estava no último ano da faculdade...

H.B. – Você se casou em 1960?

W.S. – Não, não, não. No primeiro ano, ela estava esperando o primeiro filho. Ela era professora da faculdade, e foi ser assistente não sei de quem. Ela era assistente da [Vânia], se não me engano... Eu não me lembro mais. Ela foi dar aulas de História da filosofia, foi ser assistente da faculdade. Faria Góes... Eu não me lembro mais. O fato é que ela dava aula, porém, só recebia no fim do ano porque não era nomeada, não tinha concurso e não era indicada; aquelas coisas do Brasil antigo. E eu fui traduzir o livro da Bruguera. Sabe esses livros que vendem em bancas de jornal? Era em Bonsucesso que eu ia entregar o livrinho traduzido do espanhol, e onde eu ia pegar outro. Só podia traduzir um por semana, e eu traduzia um por semana. Os meus sogros vieram do Ceará e foram morar lá em casa, para ajudar a aguentar o tranco. Ele era major na reserva... Aguentar a situação. Então eu fiquei quase dois anos nisso. Traduzindo e, quando a Suely recebia o salário, no final do ano, a gente desafogava um pouco e repunha um pouco na caixa do major. Até que eu encontrei na rua, no início de 1965... 1965 ou 1966. Gilberto Paim encontrou comigo. Gilberto Paim havia sido do ISEB antes de eu ir para lá, ele tinha trabalhado no departamento de Sociologia – era um economista. Depois, eu tinha encontrado com ele um mês de dezembro de 1964, quando eu fui fazer *copydesk* do Correio da Manhã; eu e vários deportados do Nordeste, o pessoal aposentado, perseguido, o pessoal respondendo inquérito. O Correio da Manhã colocou todo mundo lá fazendo *copydesk*. No início de dezembro. No dia 23 de dezembro, o DOPS passou

por lá com uma lista nossa e disse: “Bota todo mundo na rua.” Dia 23 de dezembro fomos todos demitidos. Mas o Gilberto Paim, ele chefiava a área de economia de um jornal, e eu tinha o reencontrado e conversamos. Ele me encontrou na rua, no início de 1965, ou 1966, foi um abril – que é o mais cruel dos meses, segundo T.S. Eliot, mas, para mim, não foi nada – ele disse: “Olha, o Cândido Mendes está criando um instituto e me pediu uma indicação, um instituto de pesquisa; e ele me pediu uma indicação, eu dei o seu nome. Ele disse para você procurá-lo.” Aí, eu procurei; ele estava viajando, para variar; e, quando ele voltou de viagem, me atendeu e disse: “Vamos começar a trabalhar aqui. Vamos refazer o ISEB”. Imagine? Ele sempre teve na cabeça dele que ia refazer. ISEB ao qual ele não pode voltar, depois da renúncia do Jânio Quadros. Entre outras razões, porque eu votei contra a volta dele, numa das poucas reuniões que o Vieira Pinto fez no conselho. [risos] Eu disse: “Como é que pode voltar? O cidadão que foi do Jânio Quadros...” [risos] A primeira coisa que eu conversei com ele, quando eu fui ter essa audiência com ele, na Praça XV, eu disse: “Eu preciso contar a você o seguinte, você sempre pensou que foi o Osvaldo Gusmão que impediu a sua volta para o ISEB; não foi; fui eu. [riso] Aí, contei a ele a reunião que houve etc. Ele disse: “Tudo bem.” Não deu bola. Bem, então, foi assim que eu fui para o Instituto Universitário de Pesquisa, que não tinha pesquisa nenhuma; e já, então, o Cândido estava em conversações com a Fundação Ford, e a Fundação Ford com ele. Porque a Fundação Ford tinha criado um departamento de Economia da Universidade de Brasília, criado no sentido de ter financiado os estudos de todo mundo no exterior – investiu na modernização dos estudos de Economia. Estava, também, investindo na modernização do departamento de Ciências Sociais da UFMG. Não ia investir em São Paulo, além do Cebrap, não queria investir na ultra – achava que era essa coisa toda; mas queria investir no Rio de Janeiro. Não ia investir no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais porque achava que não tinha condições. Uma coisa nova, privada, era a Cândido Mendes que não tinha amarras de nada, e o Cândido já tinha boas relações. Então, daí surgiu um convênio entre a Universidade Cândido Mendes e a Fundação Ford para a formação de gente no exterior, formação de biblioteca, várias linhas de financiamentos e várias coisas diferentes.

H.B. – Associada a esse instituto? O instituto que já tinha esse nome, Universitário de Pesquisa?

W.S. – Tinha esse nome. Esse nome era fantasia, não é? O nome dele é... Esqueci agora. Tinha uma coisa que foi criada pelo pai do Cândido Mendes há muitos, no início do século XX; tinha lá Gabinete de Pesquisa, ou algo assim. O nome de fantasia era Instituto Universitário de Pesquisa, mas não era com o Instituto Universitário de Pesquisa. Era com a Sociedade Brasileira de Instrução, essa que era a instituição mantenedora das faculdades e do Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro. Então, o convênio foi com a Sociedade, mas para ser aplicado ao Instituto Universitário de Pesquisa.

H.B. – A formação desse instituto.

W.S. – É.

H.B. – E, assim, nasce o IUPERJ? Com você...

W.S. – É. Ele já existia, não é? O César Guimarães já estava lá...

H.B. – Já estava?

W.S. – É. Porque ele chegou lá através do [Amir] Braga de Carvalho, que havia

sido assistente do Cândido na Ligth. Estava lá, mas... Ia lá, não é? Não tinha bem a...

Aí, eu não sei se foi concomitante, ou pouquinho depois, Maria Regina Soares de Lima, que era aluna, ainda, do Cândido Mendes na PUC; Margarida de Sá, que depois fez doutoramento em Sociologia, mas abandonou, foi estudar Medicina e virou médica.

Arbel Griner – Se a nossa cronologia aqui estiver correta, em 1969 é a primeira turma de mestrado no IUPERJ.

W.S. – É. Mas...

H.B. – Mas os mestrados eram quatro anos, não é?

W.S. – Ali... A primeira turma formada no IUPERJ.

F.W. – Sim.

W.S. – É. É porque, quem voltou primeiro, o que aconteceu: para obter bolsas e credenciamento e recursos na CAPES, do Ministério da Educação, o Cândido registrou o nome do mestrado; ele foi aos Estados Unidos, eu estava lá, para contratar e convidar pessoas. Quem estava voltando era o Bolívar Lamounier, que tinha ido, não numa bolsa da Fundação Ford e do IUPERJ, mas numa bolsa da Fundação Ford por causa da UFMG.

H.B. – De Minas.

W.S. – Por causa de Minas. Assim como Simon Schwartzman. Então, quando o Cândido Mendes foi aos Estados Unidos, eu já tinha conhecido, através do Regis Bonelli, que era casado com a Margarida de Sá – essa que eu acabei de mencionar – aquele sociólogo colombiano que esteve conosco, no IUPERJ, muito tempo.

H.B. – Ah, Fernando Uricoechea.

W.S. – Fernando Uricoechea. Tinha conhecido o Fernando Uricoechea. O Bolívar, eu tinha conversado com o Bolívar. Então, eu apresentei o Fernando, apresentei o Bolívar e o Cândido, nos Estados Unidos, no final de 1967, e início de 1968 os contratou, e eles vieram... E o Amaury de Souza, o Amaury de Souza também veio. Aí, fizeram... O Amaury proporcionou um convênio com a Universidade de Michigan junto com o IUPERJ, dentro do qual vieram para o Brasil o Peter MacDonald, certo? E Philip... Não é Philip Smith, não. Eu vou lembrar. É outra pessoa... Que vieram fazer pesquisa sobre o comportamento eleitoral no Brasil. E foram dar aulas lá, no Instituto... O Peter falava português porque ele já tinha trabalhado em Portugal e era casado com uma portuguesa, ele falava português com um pouco de sotaque português de Portugal. Então, quem começou o mestrado sem o formato posterior, foi o Bolívar; Amaury; o Peter; Hélio Jaguaribe dava aula lá; o Cândido de vez em quando aparecia, se eu não me engano. O Carlos Hasenbalg, eu não sei se já estava, lá, vindo da FLACSO. Porque o Carlos, primeiro, veio da FLACSO para o Brasil; depois do Brasil é que ele entrou nesse programa de ir e voltar para fazer o doutorado. Mas ele já saiu daqui, do IUPERJ; já estava no IUPERJ. Então, essa primeira turma, na qual a Maria Regina, se eu não me engano, se formou; Renato Boschi. A primeira e a segunda, foi uma formação não Iuperjiana. Não tinha negócio de créditos, não tinha obrigação do número mínimo de créditos, não tinha nada disso.

H.B. – Era desse instituto, era desse curso ainda?

W.S. – É. Tinha que começar por alguma razão, mas não... Quando eu cheguei, em meados de 1970, que eu voltei; e aí terminou o mandato do Peter como coordenador do programa – aí que eu assumi o programa – foi americanizado. Inventamos tudo e colocamos tudo. Primeiro, tinha pouca gente ainda e eu chamei gente de fora para compor. Eu chamei um sociólogo de São Paulo para dar aula; veio o Simon, o Simon eu acho que não estava; Nelson do Valle Silva. As pessoas disponíveis, mesmo de fora do IUPERJ, para serem professores visitantes, para poder montar no padrão americano. Quer dizer, o número de créditos mínimos, disciplinas obrigatórias. O Peter continuou, o Amaury continuou, todos continuaram. Nós agregamos mais pessoas. E foi aí que foi criado o IUPERJ que vocês conheceram.

F.W. – Sim.

W.S. – Aquelas coisas todas. Foi aí.

F.W. – Então, como que era a sua visão da instituição? Você disse que o Cândido queria recriar o ISEB; mas quando você chegou ao IUPERJ, qual era a visão que você queria fazer lá?

W.S. – Eu queria fazer isso que fizemos. [riso]

F.W. – Isso que vocês fizeram.

W.S. – É. Realmente, era fazer um negócio moderno. Copiar. Não o copiar ideológico. A mecânica da formação de pós-graduados nos Estados Unidos. Aquilo é uma máquina. Você sai diferente, não tem jeito. Tem que ser obrigatório... Não tinha biblioteca no IUPERJ, olha só como mudam as coisas, não tinha biblioteca, era mínima. Eles falavam: “Mas cadê o livro?” “Vocês se virem.” Eu dava aula de política, Maquiavel: “Mas cadê o livro?” “Eu não sei. Vocês se virem. Tem que ler *O Príncipe* para a próxima semana.” E todo mundo se virava. Hélio Jardel Ribeiro de Oliveira, que era do IFCS. Então, o que a gente queria era modernizar mesmo. Contrário ao modelo da USP, que é muito europeu, que é do orientador. Você faz doutorado com o fulano, na verdade termina sendo nem o fulano, você só lê aquilo. E eu era contrário a isso, contrário, totalmente, ao dogmatismo, ao fechamento. Houve uma... Não só por termos estudado, a maioria de nós, nos Estados Unidos – essa primeira geração –, nós vimos que podíamos ajudar e nós comungávamos muito nisso. “A gente tem que modernizar. Isso não pode.” Embora, politicamente, fosse muito diferente. O Simon, embora fizesse origem na POLOP, não tinha mais nada de esquerda. O Fernando nunca teve, o Uricoechea. Mas, nós comungávamos nesse negócio. Em termos de academia, “o que nós temos que fazer é isso.” E foi assim. O Cândido, embora soubesse o que a gente estava fazendo, na cabeça dele, isso era o que – mais ou menos – o ISEB teria feito.

H.B. – Teria feito se tivesse dado certo.

F.W. – Se não tivesse sido cortado.

W.S. – É. Teria feito com um pouco mais de pitada política, digamos assim. Então, o ISEB, para ele, teria sido. O IUPERJ tem um pouco mais de pitada política, um pouco mais de...

H.B. – Mas só para acertar a cronologia. Você fica 1967-1968 em Stanford?

W.S. – Eu fico de 1967 a 1970.

H.B. – Pois é, mas você defende em 1970. Você não vê o Brasil nesse tempo?

W.S. – Não. Eu fiquei lá porque, quando eu terminei os meus créditos, a Suely não tinha terminado ainda. Porque a Suely tinha feito Filosofia, mas gostava de lógica matemática. Então, mesmo, aqui, ainda professora de filosofia, ela começou a frequentar um curso na UFF de lógica matemática – começou a aprender isso. Então,

eu ganhei uma bolsa para estudar política e ela ganhou uma bolsa da CAPES para fazer Filosofia em Stanford; mas Filosofia no departamento de Lógica. Ela foi fazer lógica matemática. Para isso, ela teve que passar um ano fazendo só cursos de Matemática para a adaptação, porque ela não tinha essa formação. Então, quando eu terminei os meus créditos, ela precisava de mais um ano ainda, porque tinha perdido um ano fazendo não Lógica, mas fazendo Matemática – cálculo de não sei o quê, essas coisas.

H.B. – Porque, comparando as duas coisas, o IUPERJ, aqui, já estava em andamento, aquele projeto.

W.S. – Não.

H.B. – Ou isso que você diz, “o IUPERJ que vocês conheceram,” é na sua volta? Ou...

W.S. – É. Eu acabei de contar. Está gravado aí.

H.B. – Não. Eu entendi que era a volta desses...

W.S. – Dessa turma aí.

H.B. – Dessa turma toda. Que é nessa data, então, em 1970.

W.S. – É. Porque no final de 1967, o Cândido viajou para os Estados Unidos...

H.B. – Entendi.

W.S. – E aí eles voltaram e montaram o mestrado. Um estilo muito mais europeu, embora um poder que fosse responsável tivesse sido americano, mas não tinha gente para fazer daquele jeito. Então, eu fiquei de 1967 até 1970. De meados de 1969 a meados de 1970, eu pedi extensão da minha bolsa porque eu disse que estava começando a minha tese para a Fundação Ford. Ela me concedeu. Mentira. Eu fiz mais cursos; comecei a fazer cursos de verão; comecei a fazer cursos como ouvinte

sempre. Mas estudei muito. Foi quando eu comecei a estudar sobre prospectiva, eu passei um trimestre estudando só prospectiva. Eu não tinha que fazer nada, eu tinha os recursos da bolsa e não tinha obrigação acadêmica. Já tinha feito o meu exame, não é? Os exames finais dentro do departamento e tinha sido aprovado. Então, teoricamente, eu estava fazendo a tese. Por isso que a Fundação Ford me deu a bolsa. Então, no final de... Meados de 1970, a Suely fez os exames dela e voltamos para o Brasil. Aí, foi que eu assumi no IUPERJ.

F.W. – Mas eu queria voltar, um pouco. Porque, na verdade, isso já é um momento em que, de alguma maneira – entre aspas – você se tornou cientista político. Como é que foi esse processo? Como é que você chegou aí?

W.S. – Eu já estava a caminho. [riso]

F.W. – Sim. Pois é, mas como é que foi?

W.S. – Foi isso. Eu comecei a ler cada vez mais e a querer ter uma formação sistemática, “eu tenho que mudar de pele.” Eu não sei o que teria acontecido, caso eu não tivesse tido essa oportunidade, porque eu tinha que fazer isso sistematicamente. E aqui eu não tinha formação nenhuma. Eu nunca tinha lido Rousseau; eu nunca tinha lido Maquiavel; eu nunca tinha lido...

F.W. – Isso tudo foi em Stanford? Ou, antes de você sair, você ainda...

W.S. – Não.

F.W. – Essa metamorfose toda foi lá?

W.S. – O meu primeiro ano de Stanford foi de enlouquecer, porque eu era o mais velho da turma – todo mundo era juvenzinho; não tinha tido formação em Ciências Sociais; era latino-americano; e meio mulato. Então não era biscoito, não é? Eu tinha que fazer um curso privado de Ciências Sociais que os outros não precisavam fazer. Então, eu próprio pegava Teoria Política 01, pegava os sílabos dos autores – que eu acabei de mencionar e que, depois, virou Teoria Política I no IUPERJ – e eu fiz aquilo

pelas madrugadas. Fora de créditos e fora de qualquer coisa, não eram os cursos que eu fazia oficialmente. Para me botar junto com os outros.

F.W. – Correr atrás.

W.S. – É. Então, foi um ano em que eu fiz isso, sistematicamente, em todos os trimestres. Eu tinha as minhas obrigações oficiais, três cursos eu tinha no mínimo – era por obrigação de bolsas e eu tinha que fazer três cursos – e tinha a minha preparação privada. Então, foi muito duro. Mas, quando eu saí daqui eu já saí assim: eu escolhi política. Não escolhi Sociologia. Eu queria fazer um estudo sistemático de política, etc. Eu já estava totalmente tomado.

F.W. – Aí, então, fala de novo. Então, você falou da estrutura, do ponto de vista do curso - a mudança dos créditos; mas, do ponto de vista da formação do cientista político Iuperjiano, como que isso foi surgindo?

W.S. – Não. Começou assim: começou bem tradicional. Várias coisas que o Bolívar tinha bolado, as muito boas continuaram, Constituições de Políticas Brasileiras continuou; tornou-se obrigatório o [INAUDÍVEL] Teoria Política; Estatística obrigatória. E começamos a fazer experimentos; teve um período em que nós fizemos uma obrigatória Análise Política – que era um curso ao longo do ano inteiro, em diversas abordagens diferentes de Teoria política. Depois, introduzimos Políticas Públicas, fui eu que introduzi. Uma coisa que não existia aqui, análise de políticas públicas foi no IUPERJ – eu que dava esse curso. Nos primeiros dois anos eu dava dois cursos por semestre. Antes era trimestre, depois mudou para... Começou trimestral, depois que virou semestral. Então, a ideia... Daí, ao longo do tempo, a gente fazia modificações que a turma desejava. Mas estava feito.

H.B. – Mas era um momento pesado, porque eram anos 1970.

W.S. – Era um momento pesado. Nós não tínhamos... Mas olha, o Ministério da Educação nunca teve... Nós tínhamos... Dávamos aula, obviamente, tinha Marx praticamente em todos os currículos. Não tinha nenhum problema com o Ministério da Educação. Duas vezes nós fomos invadidos pela polícia atrás de estudante. Não

dos professores, mas de estudante. E nós, por isso mesmo, nós não tínhamos, dos estudantes, o nome e a ficha escolar – o currículo escolar. Não tinha telefone, não tinha endereço, não tinha nada. E a polícia ficava possessa; esculhambava; e dizia: “Essa é uma instituição assim e assada.” Palavrões e tudo. “Isso não vale nada. Como é que numa instituição não tem nada? Como é que vocês não sabem?” Uma vez, prenderam um secretário-geral, que era um administrativo – era um rapaz ligado à igreja. Mas o Cândido, em vinte e quatro horas, resolveu; foi lá, à igreja, e tal. Nós tivemos duas vezes isso, mas nunca tivemos problema. O número de bolsas foi

aumentando naturalmente, na medida em que a própria CAPES e o CNPq foram ficando mais generosos. Ou foram sendo mais generosos...

H.B. – Tinha a FINEP também. W.S.

– Ah, isso foi. Em 1974 tem isso. H.B.

– Começa a FINEP.

[FIM DA 1º ENTREVISTA]

2º entrevista: 07/10/2011

Helena Bomeny – Meu mestre, muito obrigada. Nós estávamos no final do último depoimento, do seu primeiro depoimento, e você começava a nos contar como é que apareceu, para você, para um grupo restrito de pessoas, a ideia de criar uma instituição acadêmica que acabou sendo o IUPERJ, Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro. Talvez fosse uma boa maneira de a gente começar, hoje, o depoimento. Recuperando essa memória.

Wanderley dos Santos – Na realidade, a ideia de criação do IUPERJ foi do professor Cândido Mendes. O IUPERJ é uma sigla fantasia de um gabinete de pesquisas que existia dentro da Universidade, e então se chamava Conjunto Universitário Cândido Mendes desde quando foi criado, só que não era ativado. Depois que o pai do professor Cândido Mendes faleceu e ele assumiu a direção do Conjunto Universitário, ele resolveu ativar o instituto; o que, então, ele chamou de Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro. Era um nome [grife], fantasia. Mas, na ideia dele... O que ele, na verdade, tinha em mente, era reconstituir algo parecido com o ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Ou seja, uma instituição acadêmica, mas

profundamente engajada... Fundamentalmente engajada na política cotidiana. Essa era a idéia do professor Cândido Mendes. Lembrando-se de que ele foi participante da primeira fase do ISEB, e ficaram, como vários dos que participaram daquela experiência, muito traumatizados com o fechamento do instituto, em 1964, e tudo mais. A ideia dele era recriar uma instituição assim. E esse era o compromisso dele, um sonho dele, do qual muitas pessoas que, posteriormente, constituíram a primeira geração do IUPERJ não participavam, porque vieram de outras experiências. Mas, também, não houve nenhuma discussão com os participantes iniciais do IUPERJ. Já estava lá o César Guimarães, que havia sido o meu assistente no ISEB em pesquisas sobre Filosofia; já estavam lá a Margarida de Sá, que havia sido estudante do professor Cândido Mendes na PUC, da área de Sociologia; Maria Regina Soares de Lima... Essas pessoas constituíram um IUPERJ que não tinha projeto de pesquisa, não tinha ainda um programa estabelecido...

H.B. – Sediado na universidade?

W.S. – Na Universidade Cândido Mendes.

H.B. – E onde isso? Na Praça XV?

W.S. – Na Praça XV. Numa salinha muito pequena lá. A expectativa era de que alguma coisa acontecesse para dar uma certa orientação de programação, porque não havia. Não havia convênios, não havia nada. Havia um convênio de pesquisa sobre mercado de trabalho de engenheiros e de químicos que foi constituído por... Um convênio conseguido pelo professor Cândido Mendes no Ministério da Educação, mas era algo que não serviria de base para uma perspectiva de mais longo prazo. O que aconteceu foi que a Fundação Ford, que já havia sido responsável pela institucionalização do programa de Economia da Universidade de Brasília, com um modelo bem americano – ou seja, sistema de créditos, *papers* por cada curso – aquela disciplina de trabalho típica da universidade americana... A Fundação Ford havia feito isso na área de Economia, em Brasília, lá colocando Edmar Bacha e vários outros que haviam retornado dos Estados Unidos recentemente. Depois dessa experiência bem-sucedida, a Fundação Ford – na sua política de convênios – decidiu estimular a criação de programas de pós-graduação especificamente na área de Ciências Política, que não existiam. Ou melhor, dizendo, existia na Universidade de São Paulo com um modelo tradicional de São Paulo, da USP, que é um modelo mais europeu, um ensino tutorial, sem esse esquema de créditos e cursos obrigatórios. Nada disso. Eu não sei desde quando existia o programa de pós-graduado da USP, mas não tinha nada a ver com o modelo mais americano. E a primeira universidade que firmou

um convênio com a Fundação Ford com esse objetivo, foi Universidade de Minas Gerais, foi a UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. Vários professores da universidade – alguns deles haviam feito, inclusive, um programa de pós-graduação, de mestrado, no Chile, como o Fábio Wanderley Reis e o Antônio Otávio Cintra – foram para os Estados Unidos fazer doutoramento em Política. No início do ano de 1967, a Fundação Ford firmou um convênio com a Sociedade Brasileira de Instrução – que é a entidade juridicamente real, a persona jurídica, que está por trás da universidade Cândido Mendes, chama-se Sociedade Brasileira de Instrução – com o objetivo, justamente, de formação de professores e pesquisadores para estabelecer, no IUPERJ, um programa de pós-graduação, inicialmente em nível de mestrado, apenas. E foi dentro deste convênio que foi sendo renovado, durante muitos anos... Contemplava a formação de bibliotecas, contemplava financiamento de pesquisas, contemplava bolsas de estudos para estudantes. Ao longo do tempo, esses convênios foram sendo renovados, e seus termos foram sendo alterados em função da necessidade da própria instituição.

H.B. – Muitas vezes renovados?

W.S. – Muitas vezes. Foi. Por uns dez anos, mais ou menos. Então, foi nesse contexto que eu fui para os Estados Unidos, o César Guimarães foi para os Estados Unidos, com bolsa da Fundação Ford, Maria Regina Soares de Lima, com bolsa da Fundação Ford. Acontece que outros intelectuais, professores, alguns dos filhos de Minas – como, por exemplo, Simon Schwartzman, Bolívar Lamounier – estavam indo para os Estados Unidos, mas por outras vias. Com bolsa da Fundação Ford, mas não dentro do convênio com a SBI. E nos encontramos, todos, lá. Esse primeiro grupo, ao retornar... Quem primeiro retornou foi o Bolívar Lamounier, no primeiro semestre de 1969. Nós nos encontramos, nos Estados Unidos... O professor Cândido Mendes foi aos Estados Unidos, encontramos - Bolívar, eu e o professor Cândido Mendes – e ele foi convidado pra participar. Porque ele não era ligado à UFMG, como também o Simon Schwartzman não era. Quem havia sido ligado havia sido o Fábio Wanderley, Antônio Octavio [Cintra], que voltaram para a UFMG para estabelecer o programa de mestrado lá. O Simon Schwartzman e o Bolívar Lamounier foram por contatos próprios. O Bolívar voltou e deu início, no segundo semestre de 1967, ao programa de mestrado. Contando com a participação do Hélio Jaguaribe, o próprio professor Cândido Mendes, dele... Sim, estava voltando também Amaury de Souza, que havia ido também por conta própria – uma bolsa conseguida pessoalmente. Amaury... Havia sido feito um convênio com a Universidade de

Michigan, de troca de professores – na verdade, só eles que mandaram para cá – desenvolvendo uma pesquisa. O Peter MacDonald dava aulas e falava português. Ele trabalhou muito tempo, em Portugal, e falava português com o sotaque de Portugal porque ele era casado, inclusive, com uma portuguesa. E ele dava aulas, também, no programa.

H.B. – Wanderley, você disse que o Cândido estava especialmente interessado em criar uma área de estudos em política. Havia essa distinção? Não se pensava em Sociologia?

W.S. – Não. Era Ciência Política.

H.B. – Era Ciência Política, era isso.

W.S. – O programa de sociologia foi criado posteriormente. Então, para estabelecer esse programa de pós-graduação, o número de pessoas, que inicialmente foram, era pequeno. Eu, o César Guimarães, Regina –que foi até depois. Então, o que nós fizemos foi... Convidamos o Bolívar para participar, convidamos o Simon Schwartzman. Também, nesse período inicial, o Edmundo Campos – que havia se formado em Ciências Sociais lá na UFMG – veio para o Rio de Janeiro e começou a participar do programa do IUPERJ como professor pesquisador; e, depois, também foi para os Estados Unidos. Uma segunda turma... Aí, eu não sei os anos exatamente, mas teve uma primeira turma, digamos assim, do IUPERJ que fez esse mestrado – como o Hélio Jaguaribe, etc. -, aí foram dentro do programa do IUPERJ para os Estados Unidos. O Renato Boschi, Olavo Brasil de Lima Júnior, o próprio Edmundo Campos, Carlos Hasenbalg – que havia vindo da Argentina por conta dos problemas políticos na Argentina e havia sido absorvido. Então, ao longo do tempo, muitas pessoas foram. Mas o primeiro grupo, realmente, foi o Simon Schwartzman, o Bolívar, eu, o César - quando voltou -, o Renato, Olavo, Maria Regina – quando voltaram. Esse que foi o grupo...

H.B. – Amaury também?

W.S. – Amaury! Amaury também. Esse foi o grupo que deu início, com um intervalo de tempo difícil, para mim, precisar agora. Mas o formato que o IUPERJ adquiriu... Foi a partir de 1970 que ele adquiriu formato, porque já tínhamos, digamos, um número de pessoas suficiente para estabelecermos uma grade. Cursos obrigatórios, número de créditos, professores suficientes para oferecer, não só cursos obrigatórios, mas cursos opcionais. Foi em 1970 e, sobretudo, a partir de 1971, que ficou estabelecido o modelo – o modelão, com créditos, tudo o que fica até hoje. Mas não houve entre nós, desses primeiros, primeiro e segundo grupo, nenhuma conversa sobre um modelo. Simplesmente, nós havíamos estudado de uma certa maneira e havíamos considerado muito boa a experiência. Por conta disso, certamente, não aprovávamos o modelo

européu de tutorial e sem obrigatoriedade, porque não havia uma concepção de formação mais disciplinada, mais exigente, acompanhada. Nós preferimos e tínhamos gostado da experiência. Então, foi muito naturalmente. Não houve nenhuma convenção, digamos assim, nenhuma constituinte, não é? Não houve nenhuma constituinte: “Vamos fazer um modelo...” Não, foi muito naturalmente. Sentamos: “Olha, precisamos fazer um curso obrigatório de Teoria Política; temos que ter Política brasileira e instituições; temos que ter a área de Relações Internacionais; tem que ter Estatística porque o pessoal tem que aprender.” Então, a coisa se montou... Eu não sei como falar.

H.B. – Quer dizer, havia uma certa homogeneidade, até porque era um grupo que tinha sido formado de uma certa maneira.

W.S. – É. Mais ou menos na mesma época. E, portanto, no próprio Estado Unidos, o modelo era igual; porque nós viemos de universidades diferentes. O Simon de Berkeley; o Bolívar da UCLA, Los Angeles – Universidade da Califórnia no campus de Los Angeles; o César veio de Chicago; e eu de Stanford. Então, muitas experiências diferentes e, no fundo, havia um padrão – o padrão era o mesmo. Foi esse padrão que nós montamos e, aí, começou.

Fernando Weltman – Mas havia, por exemplo, alguma coisa que vocês não queriam fazer?

W.S. – Sim. Nós não queríamos o modelo tutorial. Achávamos que não dava uma formação sistemática de um profissional. Então, a ideia de uma pós-graduação, que depois se condensa na concepção do doutorado, é a formação de professores e pesquisadores capazes de produzir o conhecimento autonomamente. Capazes de produzir conhecimento. Essa era a nossa concepção. Para produzir conhecimento, você tem que ter uma formação, mais ou menos, sólida; e tem que ter capacidade de pesquisar. Isso, obviamente, não era obtido por via do formato da pós-graduação com a pós-graduação de estilo tutorial. A pessoa pode adquirir, mas não por conta do modelo. Ao passo que, com o nosso padrão, obrigava, não dependia do estudante.

H.B. – Ou adquire, ou não conclui.

W.S. – Ou não conclui. Então, é um modelo obrigado. Eu estou falando do padrão; qualquer um pode fazer um modelo tutorial por si mesmo e ir desenvolvendo. Aliás, eu estudei e aprendi muita coisa nos Estados Unidos fora do padrão, porque eu me interessava em estudar várias outras coisas que não estavam dentro do que eles estavam oferecendo. Ninguém me proibia de estudar. Desde que eu fizesse aquilo que eles pediam, eles não me impediam de fazer o resto, eu podia fazer o que bem quisesse.

H.B. – Você se distingue a partir de um padrão já estabelecido.

W.S. – É.

H.B. – Eu achei curioso. Eu fiz o mestrado e doutorado no IUPERJ, então eu tenho uma experiência longa lá; e você, no começo, disse que o Cândido – quando imaginou o instituto – imaginou um instituto que pudesse intervir de alguma maneira nas questões do Brasil, não é? E a lembrança que a gente tem do IUPERJ como uma instituição muito conceituada e muito séria, é uma concepção um pouco dupla. Primeiro, formou cientistas sociais que, depois, compuseram os departamentos pelas universidades brasileiras afora; e, segundo, um instituto que sempre se preocupou com uma análise política contemporânea. Quer dizer: então, de alguma maneira, a intenção do Cândido foi traduzida, analiticamente e academicamente, por esse grupo. Você acha isso?

W.S. – Acho. Mas não pelas vias... Da maneira como ele havia pensado. Eu tive a experiência no ISEB, eu sei como era o ISEB. É claro que, também, o IUPERJ, todo mundo, também, naturalmente, não porque... Ao contrário, o ISEB, o que era o ISEB? O ISEB é o resultado de uma reunião de pessoas que decidiram fazer uma instituição daquele gênero: para intervir na realidade, discutir os estereótipos, o academicismo, que eles consideravam, das Ciências Sociais. Então, houve, digamos assim, uma constituinte para a criação do ISEB com o objetivo de intervenção, intervenção política, etc. Inclusive, tinham relações muito próximas com o governo na época – o Juscelino Kubitschek, o ministro Clóvis Salgado... Não que atendesse aos pedidos, mas tinham relações. Mas não foi isso que aconteceu no IUPERJ. As pessoas, naturalmente, foram se envolvendo com decisões próprias, sem ninguém mandar. Até, também, por conta dos seus tópicos de pesquisa, acabava tendo uma interferência na realidade, mas não na... De novo, não foi uma decisão. O futuro foi surgindo... O que havia, era uma vontade de trabalhar direito. Pronto: deu naquilo. [riso]

H.B. – Wanderley, do IUPERJ – eu estou pensando na sua trajetória – muitas iniciativas aconteceram do ponto de vista institucional, com uma duração perene. Você é um dos fundadores da ANPOCS, por exemplo – Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Você pode nos contar, um pouco, isso? Quer dizer, por que a ideia de uma associação? Como é que o IUPERJ participou disso? Que ligação o IUPERJ, como um programa de pós-graduação, tinha com outros programas afins? Um pouco esse lado.

W.S. – Eu vou dar a minha versão, não é? Quer dizer, as coisas que eu tive conhecimento. A ideia de criação de uma associação de Ciências Políticas já era algo antigo. Já havia sido criada

uma associação de professores Temístocles Brandão Cavalcanti, que era da Fundação Getulio Vargas. Faziam parte dessa associação: Afonso Arinos, o próprio professor Cândido Mendes – se eu não estou enganado -, Jacir Menezes, e acho que o Evaristo, mas o Evaristo não fazia parte... Eu não estou seguro quanto ao professor Evaristo de Moraes. Ela existiu no nome, mas não tinha vida ativa. Então, a ideia da formação de uma associação, sobretudo dos programas novos com essa concepção mais disciplinada – mais stakanovista, se queriam, de trabalho mais duro –, também vivia no ar. A professora Neuma Aguiar, que já era do IUPERJ – aí, agora, na área de Sociologia... Já tinha sido criada em 1972, se eu não me engano, a área de Sociologia. Exatamente. Aí de novo, eu estava nos Estados Unidos para apresentar a minha tese, defender, etc. E com a ideia de criar a área de sociologia. Aí, encontramos o professor Fernando Uricoechea, que era um colombiano que estava estudando em Berkeley, e contratamos o Fernando; também a Neuma já estava circulando; o Luiz...

H.B.- Antônio Machado.

W.S. – O Luiz Machado. Luiz Antônio Machado estava, também, nos Estados Unidos. Ele havia feito o mestrado no Museu. Então, já havia um grupinho que dava uma certa densidade demográfica para criar a área de Sociologia – já havia sido criada. A Neuma tentou, uma vez, criar uma associação de Ciências Sociais, ela tentou isso. Eu não me recordo exatamente o ano, mas não obteve sucesso. A coisa não andou. Quando é que foi criada? Em 1974 que foi criada a ANPOCS?

H.B. – É.

W.S. – Em 1974, não é? O grande espírito iniciativo da criação da ANPOCS foi o Olavo Brasil de Lima Júnior. Ele era diretor do IUPERJ, na época – se eu não me engano -, e começou a articular com outros programas, porque a ideia era, ao contrário da ideia da Neuma – que era a criação de uma associação, em pertencimento, era individual, a filiação era individual – o Olavo teve a bela ideia de fazer uma associação de programas; e era mais fácil de coordenar, era mais fácil de você criar exigências, do que por número de pessoas. Então, ele quem articulou. Conseguiu recursos da CAPES. A CAPES foi fundamental nisso. Deu recursos para haver um seminário, que foi promovido pelo IUPERJ – lá no IUPERJ, na Rua da Matriz –, convocando representantes dos diversos programas com o objetivo de criação de uma associação de programas; e já com verbas prometidas para a realização, no ano próximo, de um seminário nacional. Aí já vão apresentações de trabalhos etc. Já como é na ANPOCS, como

vai ser a ANPOCS. Então, a idéia fundamental e a iniciativa, tudo, foi basicamente do Olavo Brasil de Lima Júnior.

H.B. – Quer dizer, o IUPERJ teve um protagonismo nisso.

W.S. – É. O IUPERJ sabia o que ele estava fazendo e concordava. Mas o azougue, digamos assim, foi o Olavo, com uma estratégia bastante mineira. É que algumas iniciativas anteriores, inclusive a da Neuma, haviam esbarrado... Você não podia fazer uma coisa como essa sem a participação dos programas de São Paulo. Acontece que os programas de São Paulo, a academia em São Paulo, hoje, isso é menos intenso - na verdade elas são muito cooperativas – mas à época, era uma competição entre departamentos da USP com Campinas; São Carlos... Não se conseguia fazer nada porque não se conseguia obter uma participação cooperativa dos grupos. O que o Olavo fez foi convidar e acertar a participação de todos os programas, e deixou São Paulo para o fim – os convidados da USP no fim. Então, estava todo mundo: “vai sair...”

H.B. – Todos eram quem? Minas...

W.S. – Minas, Brasília, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará, Bahia. Onde havia programas de mestrado modernos. Haviam sido criados por vários caminhos. Por vários convênios e tudo mais. Isso já estava acertado com todos os programas.

F.W. – Chegou com o fato consumado.

W.S. – Era um fato consumado.

H.B. – São Paulo vem nos vagões, ou não.

W.S. – É. Então, fizeram lá. Eu não sei como acertaram isso, mas os participantes de São Paulo foram o Fernando Henrique e o Francisco Weffort. Foi feito o encontro com o objetivo de criação da ANPOCS; com eleição de uma diretoria, presidente e secretário temporário – um mandato para preparar o primeiro encontro nacional dos programas. Essa chapa foi combinada na minha sala – eu, o Fernando Henrique e o Weffort. O Weffort ficaria com a presidência e o Olavo com a secretaria geral, onde estava, de fato, o poder. Então, quando nós fomos para a sala de aula, onde seria feita a indicação de um homem e essa coisa toda, o Fernando Henrique – um decano, o grande nome – indicou o Francisco Weffort para a presidência e o Olavo Brasil para a secretaria geral. E eu estava, de pé, na porta deixando aquele negócio. Aí, vi a Aspásia Camargo... [risos] “Eu quero indicar como suplente da secretaria executiva, a professora Aspásia Camargo.” [risos] Todo mundo eleito por unanimidade. [risos] Por aclamação. Foi ótimo. Assim foi criada a ANPOCS. Deve-se à engenhosidade, e sabedoria mineira, do professor Olavo Brasil.

H.B. – Quer dizer que São Paulo entrou por último presidindo.

W.S. – É claro. E ainda mais com a presidência, pronto, estava satisfeitiíssimo. Então, no primeiro congresso nacional, eles foram reeleitos, claro, para o mandato normal – alguns anos, etc. Aí, pronto.

H.B. – A ANPOCS é isso que a gente vê.

W.S. – É.

F.W. – Mas na época qual era, exatamente, o objetivo? Era fazer uma associação?

W.S. – A ideia era difundir um certo padrão de trabalho científico. Havia, desde logo, uma comissão científica para reconhecer grupos de trabalho, se reconhecia ou não para a criação dos grupos que vocês conhecem; e cada grupo tinha que ter um responsável – um coordenador responsável – pela qualidade dos *papers* que eram apresentados.

W.F. – O formato básico, essencial, que é hoje.

W.S. – É. Basicamente, é a mesma coisa. Alguns anos depois, eu era o presidente da ANPOCS, e fizemos um congresso extraordinário só para dar a estrutura, a institucionalização e redigir um estatuto. Havia um estatuto provisório, e o estatuto definitivo foi feito na minha gestão. E aí institucionalizou tudo isso. Houve um congresso extraordinário só para isso. Vilmar Faria ajudou muitíssimo nesse seminário. A ideia era esta: era, justamente, a participação de muita gente que havia estudado no exterior. Não era só nos Estados Unidos, também na França, Inglaterra; mas com uma certa concepção de trabalho mais disciplinada, um pouco mais organizada. Então, a ideia era essa, estabelecer um novo padrão de trabalho na área de Ciências Sociais.

H.B. – Quer dizer que os anos de 1970 são, exatamente, os anos de institucionalização da pós-graduação no Brasil.

W.S. – É.

H.B. – A despeito de um, ou outro, programa.

W.S. – A exceção foi a Antropologia. A Antropologia teve uma dinâmica própria. Também na mesma direção, mas própria.

F.W. – E, também, contemporânea.

W.S. – Contemporânea. Cria-se a pós-graduação no Museu; cria-se, em Brasília, com a ida para lá do Roberto Cardoso de Oliveira, que foi importantíssimo na área de Antropologia, na institucionalização da Antropologia.

H.B. – Mas, também, um grupo que se incorporou na ANPOCS.

W.S. – Ah, também.

H.B. – A ANPOCS acaba sendo um coroamento desse esforço.

W.S. – É. Porque a ANPOCS, só pra lembrar, foi, realmente, um achado. Foi a filiação por programas. Enquanto, as outras associações são por filiação individual.

H.B. – Exatamente. E ela acaba sendo, num certo sentido, uma chancela para os programas até hoje. Quer dizer, um programa de pós-graduação que quer...

W.S. – Tem que ser reconhecido.

H.B. - Tem que ser reconhecido lá, para entrar. Wanderley, a gente podia, talvez, orientar um pouco a nossa conversa, agora, para as suas escolhas intelectuais.

W.S. – Quais foram elas? [riso]

F.W. – A gente quer exatamente isso: a gente poderia falar que, na verdade, os anos de 1970 são um divisor de águas. Se você pensar no termo da produção acadêmica, como é que você vê isso, de repente a partir da sua própria produção? Se você olhar para trás e ver o que você produzia antes dos anos 1970, antes desse processo todo de criação do IUPERJ, criação da pós-graduação, como é que você vê essa evolução do pensamento das Ciências Sociais brasileira?

W.S. – Olha, de novo, eu nunca planejei as coisas. Antes do IUPERJ, antes da minha ida para o IUPERJ, para o qual eu fui antes de ir para os Estados Unidos, eu era professor de Filosofia. Eu me formei, a minha graduação foi em Filosofia. Mas, desde a universidade como estudante de Filosofia, eu já tinha interesse... Eu fazia parte, digamos, do público educado, eu lia o jornal; era antenado; discutia política; fiz política na faculdade, era obrigado... Simplesmente as coisas aconteceram, não é? Participei da política como presidente do diretório. Eu era envolvido, atento. Não só isso, como comentava; como eu comentava? Existia um jornal chamado *Metropolitano*, que era produzido pela união de estudantes do então Distrito Federal, do Rio de Janeiro, que circulava, aos domingos, como um diário de notícias. Era um jornal – um jornal de umas oito páginas. Um jornal bastante encorpado. E teve como diretores Arthur da Távola; Cacá Diegues; César Guimarães, que foi diretor da secretaria de redação – foi quando eu o conheci. Porque eu e o Carlos Estevam – que era o meu colega de curso em Filosofia, mas também atento e envolvido com a política nacional – nós, de vez em quando, escrevíamos artigos para o *Metropolitano*. Eu não sei como chegamos a entrar em contato, não sei como isso começou, mas começou. Nós estávamos ainda na Universidade. Nós não escrevíamos juntos, cada vez eu escrevia um e ele escrevia outro, mas assinávamos com o mesmo nome – Carlos Guilherme. Uma vez, resolvemos... Aí, juntos já com o Alberto Coelho de Souza, que

era o outro da trinca – eu, Carlos e o Alberto –, também de Filosofia, ficamos muito amigos durante o período da faculdade. Houve uma greve no porto de Santos, e nós resolvemos ir lá fazer uma reportagem para o *Metropolitano*. O Alberto tinha uma namorada que tinha um carro, um dos primeiros carros do Rio de Janeiro, DKW-Vemag, um negócio fantástico, e nós fomos até lá. E nós queríamos por toda força achar que havia um movimento revolucionário em marcha. Não havia nada. [risos] Voltamos e eu me lembro que dei um título – eu me lembro até hoje – *A revolução do sal em Cabo Frio*. Fomos a Cabo Frio, fomos a Santos, uma confusão. Não tinha nada... Tiramos fotos... Na volta, inclusive, tivemos um acidente na Rio-São Paulo e foi um inferno; batemos com o carro. Mas nós já participávamos. O que vem ao caso: eu já participava por essa via; depois, no ISEB, obviamente eu estava antenado na área da política. Mas eu era professor de Filosofia. Já bastante... Eu creio que já falei sobre isso nessa entrevista...

H.B. – Já.

W.S. – Eu não estava satisfeito com possibilidade de desempenho nessa área de Filosofia. Particularmente História da filosofia antiga, que era o que eu gostava. Aí veio 1964. Nesse período, eu escrevi “Quem dará o golpe no Brasil?” Por que eu fiz isso? Porque eu estava participando dos debates políticos – havia, no ISEB, debates políticos. Embora já tivesse formado, eu vivia na faculdade de Filosofia, ainda, e participava de grupos políticos que se formaram lá - o primeiro Movimento Revolucionário Tiradentes foi fundado lá na faculdade e eu participava dele. Então, eu vivia com isso e vivia esse problema de golpe e não golpe; golpe no Jango ou não golpe no Jango. Eu olhei aquele negócio e disse: “Eu discordo desse negócio.” Eu escrevi aquele negócio, assim, em dois dias, não é? Na oportunidade de que a Civilização lançou o Cadernos do povo brasileiro. Então, eu já estava envolvido.

H.B. – Você já releu contemporaneamente?

W.S. – Não. Há muito tempo que não. Depois, eu não me lembro agora, eu esqueci o nome do rapaz que estava no Ministério da Educação, [INAUDÍVEL] se eu não me engano, e fizeram um volume *História Nova*, não sei o quê. Mas, através dele, ele me convidou para escrever um livro – eu tinha um estudo longo... – para publicar na editora Tempo Brasileiro. Ele era editor da revista *Tempo Brasileiro* e conhecia a editora; e ele conhecia o Eduardo Portella, foi quando eu conheci o Eduardo Portella. Para escrever... Eu escrevi *Reforma contra reforma* **que era também de intervenção política – uma discussão política. E, no ISEB, o último livro publicado pelo ISEB foi meu. Aí, já um livro meio metido, pedante, chamado *Introdução***

ao Estudo das Contradições Sociais no Brasil. Era um negócio seriíssimo, não é? Que era o meu acerto de contas teórico a partir de uma perspectiva que eu supunha marxista, com as posições do Partidão. O *Quem dará o golpe no Brasil?* foi um panfleto, também, um acerto de contas com o Partidão; e, em *Introdução*, a coisa já... Queria dar um suporte. Então, eu já estava... Quando eu fui para o IUPERJ, eu já estava saindo da Filosofia e já estava envolvido com política. Não foi novidade para mim. Novidade foi estudar sistematicamente política, coisa que eu nunca tinha feito na minha vida – isso é que foi a novidade.

H.B. – Você considera que esse cruzamento de Filosofia com política enriqueceu a sua maneira de tratar a política?

W.S. – Sem dúvidas. Eu nunca... Na verdade, você não passa em vão pela Filosofia. Eu nunca deixei de pensar um pouco diferente – acredito, não é? Acredito - dos meus colegas que são estritamente cientistas políticos. Eu não penso assim, eu não consigo pensar de uma forma compartimentalizada, eu não consigo pensar assim. Isso é o que eu penso a respeito de como eu penso.

H.B. – Wanderley, e as suas conexões intelectuais fora do Brasil? Você tem a formação e uma referência forte com os Estados Unidos. Mas e outras? A Europa menos, não é? E intelectuais e influências que duraram na sua vida intelectual? Os Estados Unidos continua sendo uma referência permanente?

W.S. – De novo, quer dizer, o que eu adquiri foi disciplina de trabalho, uma certa perspectiva de como é o trabalho intelectual. Mas influências, digamos assim, intelectual substantivamente falando, não. À exceção da obra do Dahl, Robert Dahl, que eu acho admirável. Todas eu aprendi... As minhas, digamos, admirações são européias. Tarde. Sobretudo, autores que são considerados meio marginais na historiografia tradicional. A historiografia tradicional esquece que Tarde foi contemporâneo de Durkheim, e foi o grande adversário de Durkheim. Durkheim tinha relações de parentesco com o ministro da educação na França. Criou a cadeira de sociologia obrigatória de estudos, mesmo pré-universitários na França; e a Sociologia ensinada era durkheimiana, isso era obrigatório. E foi assim que Durkheim ganhou a disputa com Tarde. Eu acho que Tarde é um pensador tão importante quanto Durkheim. Então é um dos pensadores que eu admiro muito e tenho influências. Mas... É meio abusado dizer isso, entende? Mas, desde o primeiro tempo de ISEB, eu pensava por mim. Aberto a ouvir, a ler e a aprender. Eu nunca fui seguidor de ninguém.

F.W – Na Filosofia política, então, você começou a ler Filosofia política só nessa fase dos Estados Unidos? Ou no tempo da faculdade você já lia?

W.S. – Não, não. Eu comecei a ler um pouquinho, quando – ainda na fase do ISEB – eu fui pesquisar sobre o pensamento filosófico do Brasil e não me atraiu, e por acaso, eu descobri alguns textos sobre política dos filósofos, política brasileira. Aí, eu comecei a ler e comecei a me interessar mais sistematicamente. Mas eu acho que eu li o quê? Eu acho que li *O Príncipe*. Um ou dois. O que eu lia era Filosofia mesmo. Então, eu não tinha leitura de trabalhos. Nem de Filosofia política.

H.B. – E no Brasil? O Guerreiro Ramos, por exemplo?

W.S. – O Guerreiro Ramos, eu tive uma admiração muito grande por conta do pensamento político social brasileiro. Porque ele foi, realmente, quem impediu que fosse para o limbo, para o lixo toda a tradição do pensamento político brasileiro. Por conta de uma perspectiva cientificista do Florestan, que influenciou muito São Paulo. Então é como se não existisse nada antes do funcionalismo. O Guerreiro foi responsável por manter a lembrança do pensamento político. Então, eu tive uma admiração muito grande. Mas eu descobri o Guerreiro, eu fiquei muito satisfeito, depois de ter descoberto o Luiz Pereira Barreto, lendo os manuscritos da Biblioteca Nacional falando sobre o Brasil em meados do século XX. Então eu fiquei atento por essas coisas. Ou o *Brasil, da independência à República*, e Euclides da Cunha. Isso [antes de ler Guerreiro Ramos]. Aí, quando eu li o Guerreiro Ramos, eu fiquei mais... Aí, eu fui ler uma série de autores que eu não tinha nunca ouvido falar e ele foi quem registrou. Eu busquei.

H.B. – Você teve um tempo na Fundação Getulio Vargas.

W.S. – Tive.

H.B. – Você pode contar um pouco como foi? O Guerreiro tem...

W.S. – Foi o seguinte: o Simon Schwartzman, que era da Fundação, e professor do IUPERJ, junto com um grupo – Paulo Roberto Motta – havia criado, também, o programa de mestrado em Administração Pública. Por conotações, Ciências Sociais claras – um pouco de Administração, no sentido convencional, e muito mais Ciências Sociais. E nesse período – era um período em que eu dirigia sem um título de diretor do IUPERJ – houve uma tensão muito grande com a Sociedade Brasileira de Instrução, porque a parte não contratual do contrato do IUPERJ, até 1977, foi que ninguém tinha carteira assinada, ninguém tinha contrato de trabalho. Era uma situação absolutamente ilegal. Absolutamente...

H.B. – De 1967 a 1977?

W.S. – É. Então, foi um período muito complicado. Eu vivia tendo choques, conflitos, muitos sérios por conta de regularização de pagamentos. Tudo isso. Toda a organização aparente do IUPERJ tinha por trás disso, uma absoluta desinstitucionalização de tudo que você possa imaginar em matéria de relações de trabalho, de tudo. Isso era motivo de tensão plenamente. Então, teve um momento em que eu fiquei absolutamente possesso com a situação e saí do IUPERJ. Não deixei de dar aulas, mas saí de lá. E, aí, foi nesse período em que o [INAUDÍVEL] Simon... Daí eu fui participar da...

H.B. – Em 1976

W.S. – É.

H.B. - Você era chefe de departamento lá.

W.S. - De estudos governamentais. Exatamente.

F.W. – Isso era o quê? Um título, isso?

H.B. – Na EBAPE.

W.S. – Na EBAPE. Dali, eu só voltei ao IUPERJ quando... Porque as negociações continuaram com o que a gente chamava de Praça XV. Continuaram, por trás das cortinas. Quando realmente o reitor, o professor Cândido Mendes, assinou a carteira de trabalho de todo mundo aí eu voltei ao IUPERJ.

H.B. – Aí, você deixa a Fundação?

W.S. – Aí, eu deixo a Fundação.

H.B. – E esse tempo, na Fundação, foi um tempo de pesquisa mais orientada pra uma... Porque, olhando a sua obra, você tem livros que são claramente de teoria política e de discussão de regimes políticos. Têm outros que são... Eu fico pensando, o que seria um discurso sobre o objeto e os livros mais de Ciência Política, stricto sensu. E, na EBAPE, era mais uma política administrativa, eu diria, de discussão de organização do Estado? Ou não chegou?

W.S. – Não.

H.B. – Você ficou mais na direção mesmo do departamento?

W.S. – Olha, foi um período em que eu li bastante sobre pensamento político social brasileiro. Foi um período em que eu tive a iniciativa de criar uma coleção na editora... Uma editora de livros jurídicos. Que era da...

H.B. – Forense.

W.S. – *Forense*. Forense Universitária. O Edmundo publicou aquele “Em Busca De Identidade;” O Renato Bochi... Quatro ou cinco volumes dessa coleção. Essa coleção foi criada

por mim, e foi administrada por mim a partir da Fundação Getulio Vargas. Eu estava muito pouco ligado... Eu nunca me envolvi com...

H.B. – Nada.

W.S. – Nada lá.

H.B. – Era mais a raiz da imaginação social brasileira.

W.S. – É. E também fiz pesquisa - eu tinha um assistente, que era um estudante – sobre o levantamento de produção legislativa do Executivo no período Jânio. No período Jânio e período Jango.

F.W. – Aí já é a sua tese.

W.S. – É. Foi feito lá. Então, eu me envolvi pouco, de fato, com o espírito – digamos assim – da Fundação e da EBAPE. que aliás, o Simon também não tinha. Nós viemos de uma outra embocadura, de uma outra perspectiva.

H.B. – Wanderley, e a América Latina, quer dizer, essa interlocução foi sempre menos evidente? Ou...

W.S. – Não havia.

H.B. – Não havia nada?

W.S. – É, não havia. Em algum momento da década de 1970, ou início de 1980 – eu acho que foi mais para o final da década de 1970 – eu promovi um seminário no IUPERJ – eu consegui recursos – justamente para ver... Nós sabíamos, não somente eu, que havia uma falta de diálogo, de conversa, com... Não sabíamos nada de América Latina. Não obstante, teve lá o Fernando Uricoechea e temos o Carlos Hasenbalg. Mas não sabíamos nada da América Latina. Então, como saber? Então promovi um seminário e fiz um roteiro perguntando se havia mudado as suas séries históricas e o estudo sobre... Aí, eles têm Exército, Judiciário, políticas públicas, partidos políticos e por aí vai, uma série de coisas. Por contatos com os mais diferentes, eu entrei em contato com professores da Colômbia, Peru, do Paraguai, do Chile, da Argentina e do Uruguai. Convidamos, pagamos passagem e estadia para fazer um seminário lá, no IUPERJ, sobre como estudar a América Latina e o que existe de informação. Foi aí que me veio a impressão de entender por que os latino-americanos, os sul-americanos, são muito ensaístas. Pelo menos eram muitos ensaístas. É porque não têm dados. Não existe estatística. Você imagina que, nessa época, com o peronismo e tudo, não havia estatística sindical na Argentina. Certamente havia no registro lá, em algum ministério, bolorento, mas nunca ninguém trabalhou, e não havia sistematizado. Isso em todos os países. Então você vai pensar sobre. Era

obrigado. Você pensa, queira ou não queira, não é? Só podia escrever ensaio. Não dava para fazer uma coisa mais *à la americana*.

H.B. – Mas não tinha estatística por que, talvez, não valorizassem outra forma que não o ensaio?

W.S. – Talvez. Mas a tendência era muito ajudada pelo mundo, não é? Se você quer falar sobre o ensino sindicato na Argentina, tem que falar a partir de reflexão porque não tinha nada. Partidos políticos era tudo fragmentário. O melhor, os dois melhores, eram o Chile e Uruguai, no que diz respeito à Previdência Social. Isso eles tinham séries históricas, etc. O resto, também, era muito difícil. Mas a partir daí, começou a haver mais um certo diálogo – seminários e visitas. Mas até o final da década de 1970, ninguém sabia nada. Não havia contato nenhum. Agora muito.

H.B. – Agora muito mais.

W.S. – Agora muito. Sobretudo, com a Argentina e Uruguai.

H.B. – O Uruguai?

W.S. – É.

H.B. – E essa...

W.S. – O mestrado no Uruguai, na área de política, foi criado –praticamente pelo IUPERJ. Não só estudantes que vieram com bolsa para cá; como, depois, professores ficaram, lá, estabelecidos durante algum tempo.

F.W. - Eu tenho vários colegas uruguaios.

H.B. – Isso que você falou da América Latina, vale também para países de língua portuguesa. Quer dizer, a nossa interlocução com os países de língua portuguesa foi nenhuma. Nas Ciências Sociais, nada.

W.S. – É. A partir do IUPERJ, foi com Portugal, Moçambique, com Angola, Cabo Verde.

H.B. – Mas isso, no IUPERJ, quando?

W.S. – Ah, isso é mais recente.

H.B. – Muito recente, não é?

W.S. – Meados de 1980 começaram a achar relações com Lisboa, eu me lembro, mas não só do IUPERJ. Eu me lembro que foram lá o Fábio Wanderley... Fomos em uma missão. Eu, o Fábio, Olavo... Fizemos o primeiro contato com a Universidade de Lisboa; e com a Universidade Nova de Lisboa também. Depois, eles também tiveram a iniciativa, Coimbra, o... Como é? O português que era muito famoso no Brasil, que é de Coimbra.

H.B. – O Boaventura de Sousa Santos.

W.S. – É. O Boaventura estabeleceu vários vínculos. Aí, não só com o IUPERJ, mas com Brasília, São Paulo. Mas é mais recente. Também não tinha nada.

H.B. – E você acha importante, Wanderley, essa interlocução?

W.S. – Muito. Eu acho que, depois dessa... Quando começamos a ter um pouco mais de contato e ficarmos um pouco mais atentos, eu descobri, por exemplo, que o processo da queda de Allende é muito parecido com a queda de Goulart aqui. Eu escrevi um artigo sobre isso para um seminário, no exterior, já com... Eu não tinha todos os indicadores que eu usei aqui em relação à crise de Goulart, eles lá não tinham; mas vários outros eu tinha. Da radicalização, da fragmentação parlamentar... Tudo isso eu tinha. Do leilão de oferta por parte da extrema esquerda, que vivia fazendo propostas absolutamente mirabolantes, e o governo era obrigado a encampá-las; e, com isso, acirrava o radicalismo da direita. Tudo isso, eu escrevi e tudo eu comecei a descobrir. Eu descobri, também que acho o peronismo não tem nada a ver com o Brasil. Não tem nada com o peronismo. Getulismo não tem nada a ver com o peronismo. Eu sou um dos que nem defendo, digamos, academicamente porque é uma impressão – eu nunca estudei. Mas, do Chile, eu estudei e publiquei.

[FINAL DA FITA 1]

H.B. – Da mesma maneira que ficamos mais distantes da América Latina, nós ficamos, também, distantes dos países de língua portuguesa, não é?

W.S. – É.

H.B. – Então, não fez, muito, parte da nossa institucionalização?

W.S. – Não. Nenhuma. No período de institucionalização, no Brasil, a referência fundamental foi os Estados Unidos. Depois, a Inglaterra e a França. Mais recentemente é que tem mais contato é em Portugal, com a Espanha. Espanha também. A interlocução atual é bastante melhor e mais extensa do que havia na década de 1970, 1980.

H.B. – Wanderley, você é um dos intelectuais diretamente responsável pela institucionalização da Ciência Política como disciplina no Brasil. Sem dúvida, qualquer recuperação desse campo terá que retomar a sua intervenção. Como é que você vê, hoje, a Ciência Política aqui? Se você tivesse que dizer o que avançou; onde é que o Brasil se destaca; ou onde é que estamos perdendo; como é que você veria, hoje? Eu sei que você não está mais na graduação, na

universidade, nós falamos pouco, ainda, do seu tempo de magistério na universidade. Mas o que você acha e que caminho está tomando as Ciências Sociais, especialmente a Ciência Política?

W.S. – Eu posso me referir, basicamente, à Política e Sociologia. Mais Política do que Sociologia. A minha impressão é de que, se o Guerreiro fosse vivo, ele estaria criando uma polêmica enorme – renovando uma polêmica enorme. Em relação a quê? Em relação ao que me parece ser uma excessiva deferência em relação à produção do exterior, seja dos Estados Unidos, seja da Inglaterra e seja da França. Há uma deferência muito grande. Há uma busca de reconhecimento internacional que é importante, mas que sempre se destoa. Mais por via de uma capacidade autônoma do trabalho, e não por replicar o que é feito no exterior. O que significa isso, hoje? Hoje, significa, no que diz respeito à Política e em alguma medida, também, à Sociologia, uma especialização excessiva; e um tratamento altamente sofisticado de coisas muito pouco significativas. Não é que não sejam relevantes, é o pedaço muito pequeno do elefante. É como se você tivesse um microscópio poderosíssimo e mostrar a unha do elefante. É muito importante a unha do elefante, senão ele não se sustenta, mas não é o elefante; e você não vai entender o elefante, só entendendo a unha do elefante. Eu não estou querendo dizer isso para menosprezar o trabalho contemporâneo. Eu não sou um nostálgico. Eu acho que o avanço metodológico foi extraordinário, mas há certas metodologias que restringem um tipo de objeto que você pode tomar para estudo, porque ela não se aplica àquele objeto, não há metodologia desse tipo. Então, o condicionamento metodológico, que é por onde o reconhecimento internacional tem sido buscado – e não pela substância, mas pelo rigor do método – , eu acho que isso tem travado um pouco. Nos últimos dez, quinze anos, têm sido pouquíssimos os trabalhos que... Não precisa ser ensaístico. Ensaístico, ou não – bem fundamentado –, sobre o sistema político brasileiro. São, por exemplo: você tem sobre o papel das comissões parlamentares na aprovação de políticas. Têm estudos maravilhosos de política, vários. E desse tipo. Eu, recentemente, comecei a acumular alguns estudos sobre os últimos dez anos, porque eu quero fazer um estudo do que que tem sido pensado, no Brasil, a respeito de si próprio do que aconteceu nos últimos quinze anos. É inacreditável, você tem trabalhos de economistas. Eu tenho uns seis trabalhos de pensamentos. Não tem trabalho de cientista político.

H.B. – Mesmo sobre o sistema político?

W.S. – Não.

H.B. – Os economistas é que estão fazendo?

W.S. – Estão fazendo. Estão no jornal e... Bem, em Sociologia, você tem estudos muito concentrados em problema de mobilidade social, mas fora daí, você não tem trabalho sobre forças armadas, você não tem trabalho sobre democracia, você não tem trabalho sobre conflitos, você não tem. Você tem poucos trabalhos pelo nível... Um país como o Brasil que, exatamente, pela acumulação vertiginosa capitalista no país; a incorporação... Agora está sendo invadido, o Centro-Oeste e o Norte do país, pelo Sul e pelo Sudeste. Finalmente está sendo incorporado. Há uma linha, você traça uma linha de incidência de conflitos de toda natureza social ao longo dessa incorporação, e você não tem estudos sobre isso. O dia todo, no jornal, faz parte da agenda política do país; e não há estudos sobre conflitos.

H.B. – Quer dizer, a dinâmica social brasileira, não corresponde a uma dinâmica intelectual brasileira?

W.S. – Não.

H.B. – Você acha que isso tem que ver com o quê? Com uma desorientação de formação, com a maneira como os cursos são criados, com financiamento. O que você acha?

W.S. – Não sei. Eu não tenho reflexão sistemática para entender quais são os condicionantes disso. Eu sinto carência, eu não tenho encontrado. Obviamente com a cautela que pode ser ignorância minha, em grande parte, mas eu não tenho encontrado livros que me dêem vontade de escrever contra. [risos] Aconteceu muito ao longo da vida. Não livro, mas tese ou ensaio. “Esse aqui eu discordo. Vou escrever um negócio.” Não tem. Eu fiz muito isso. Eu não tenho enfrentado o que me tenha despertado paixão, contra ou a favor – eu também posso ficar encantado. Eu fiquei encantado com muita coisa ao longo da vida, concordando ou não. Mas nada tem despertado a minha libido. Isso não é normal. [risos]

F.W. – Nós estamos ficando hipercorretos, é isso?

W.S. – Eu não sei se chamaria de hipercorretos, [riso] mas precisamos de um pouco mais de desvio, um pouco mais de rebeldia.

H.B. – É interessante, porque é um momento em que, talvez, a gente tenha o maior número de programas de pós-graduação – cresceu um mercado competitivo impressionante, com recursos e tudo – e é um momento de excessiva fragmentação, talvez.

W.S. – Pois é. Eu tenho aqui... Eu não vou dar os nomes. Eu tenho, aqui, três trabalhos. Sabe sobre o quê? Corrupção. Recentíssimos, de novíssima geração. [INAUDÍVEL] É uma tristeza. Não vale escrever nada, “discordo disso e daquilo e daquilo outro...” É um tema.

H.B. – É.

W.S. – É um tema seriíssimo e que faz parte, também... Está na hora de você estudar isso para o amadurecimento do país. Você tem que ver de uma forma decente, não pode deixar isso apenas na agenda da controvérsia político-partidária; que é normal, tudo bem, mas não pode ficar só nisso. Eu não conheço estudos publicados nas revistas, nossas, acadêmicas [INAUDÍVEL]. Tem um que é em inglês, de um cara do exterior.

H.B. – Ah, esses são textos publicados?

W.S. – São.

H.B. – Eu pensei que era um texto onde você dá o parecer.

W.S. – Não. Ainda bem que não. [risos]

H.B. – Wanderley, além da sua atuação acadêmica, você é um formador, também, de opinião que escreve muito e escreveu muito em jornais. Você quer falar, um pouco, dessa experiência?

W.S. – Eu acho que isso é a continuação do Carlos Guilherme, do *Metropolitano* da década de 1950. Se deixar, eu escrevo, entende? Porque temas não faltam, a política me atrai. Eu tenho uma opinião. O que eu posso fazer? Eu tenho a minha opinião sobre as coisas. Escrever é sempre muito gratificante.

H.B. – E é uma experiência muito diferente da experiência intelectual acadêmica de escrever? Você se sente desafiado de uma forma diferente quando está falando na imprensa, ou na televisão?

W.S. – Do ponto de vista da reflexão, não. Do ponto de vista comunicação, sim. É uma luta muito difícil, você escrever em jornal e tornar acessível. Do ponto de vista da reflexão, não. Eu sempre procurei escrever aquilo que eu diria numa sala de aula, fazendo citações e tudo, com uma linguagem um pouco mais rebuscada talvez, mais técnica. Mas não é uma reflexão diferente. Para mim, não é uma reflexão diferente.

H.B. – Eu estou falando isso porque uma pergunta que eu gostaria de fazer a você, sobretudo porque essas são entrevistas que os jovens vêem. É um pouco a avaliação que você tem do Brasil de hoje. Quer dizer, eu estou falando especialmente do período pós-1988 e, muito particularmente, dos dois últimos governos. Esse momento em que o Brasil, num certo sentido, começa a ser visto aqui e fora, como um país diferente de oportunidades de incorporação... Você é otimista, você está cauteloso... Como é que você vê, hoje, o Brasil?

W.S. – Eu sou otimista. Eu acho que o Brasil está passando, já vem passando há algum tempo – e vai continuar passando por algum tempo ainda – por um processo – eu me referi ainda há

pouco – de invasão do Norte e do Centro-Oeste, que implica em um desafio seriíssimo que eu considero que é um problema de constitucionalização do país. É de transformar a Constituição brasileira num solo real para o país inteiro, porque a Constituição não vale ao Norte e ao Oeste, além de três quilômetros de Brasília, não vale. Então, a incorporação econômica, a invasão econômica, a isso não está se seguindo uma... Eu não tenho outra palavra já. Constitucionalizar o país. Quer dizer, fazer com que as relações sociais de todo o gênero - econômica, social, [INAUDÍVEL] – obedeçam à institucionalização, e que vale em larga medida. Sem esquecer que não vale, digamos, para o Rio de Janeiro ou São Paulo, não vale igualmente para todos os status sociais. Mas isso é comum no mundo inteiro. Não é só no Brasil. Mas, de qualquer maneira, no Brasil é mais agudo. É verdade. Mas mesmo essa semi-constitucionalização do solo das relações, não vale no Centro-Oeste e no Norte. Não vemos isso diariamente nos jornais. Esse é um desafio enorme, a expansão do Poder Judiciário, a expansão do poder do Estado. Não é fácil. Não é fácil. Esse é um dos processos seriíssimos que está ocorrendo no país, e que não está sendo estudado. E, quando se discute o número de partidos, é absolutamente relevante para este tema que eu mencionei. Você não tem estudos nem de Sociologia, nem de Política, *nem de Direito* – que devia estar havendo –, nem sobre o Poder Judiciário, nessa questão de incorporação de milhões de pessoas e de territórios à vida civilizada, num nível em que o país já alcançou. Isso é um dos processos seriíssimos. Outro que também não está sendo estudado, são as formas novas de participação do trabalho na administração dos destinos econômicos e, por consequência, sociais do país. Eu me refiro, especificamente, a um decreto – isso é um marco – num dos últimos dias do governo Lula, que foi a obrigatoriedade de participação, nos conselhos de administração das empresas estatais, de representantes dos trabalhadores dessas empresas. Esse decreto foi regulamentado nos primeiros dias de administração Dilma Rousseff. Isso é importantíssimo. Na verdade, é uma discussão para onde vai a mais-valia. Isso tem a ver com decisões sobre o que da receita das empresas se destina à remuneração, se destina à capitalização e se destina ao investimento, que significa mercado de trabalho. Significa mercado de trabalho e, conseqüentemente, conflitos, nível de empregos e desemprego,- tudo isso. Isto vai frutificar. Isto vai frutificar! Hoje o sistema das empresas estatais: “Ah, é um só.” É um só, mas...

H.B. – É poderoso.

W.S. – É poderoso. Vai falar pelos sindicais, vai falar pelos trabalhadores. E imagino que, em algum momento, isso vai também para as grandes empresas privadas. Não tem nada de mais

nisso. Não se trata de expropriar, se trata de administração da mais-valia – aceitamos a mais-valia. Mas o quanto essa mais-valia vai assegurar o futuro do emprego, tem a ver com o investimento. Isso é uma questão seríssima em termos de relações de trabalho, e do futuro imediato, e de médio prazo, do país. Não se estuda mais conflito no trabalho, hoje. Não se estuda mais. O Leôncio acabou. O Leôncio Martins. Ele está lá, mas já é uma página da história da Sociologia brasileira. Não se estuda mais isso. Por isso que eu reclamo, entende? Eu acho que há um Brasil que não vai voltar atrás. Está num caminho muito difícil. É um caminho delicado e que os atores sociais estão encontrando, por si próprios, as soluções; ou via instituições de ação, ou via força bruta. Basicamente, é o que está acontecendo no Norte e no Centro-Oeste. Os conflitos estão sendo resolvidos hobbesianamente. Então... Por que eu estou falando isso? Ah, sim, como eu vejo o Brasil.

H.B. – Do chão constitucional. Você está falando isso do ponto de vista do trabalho, mas pode falar isso do ponto de vista das relações sociais também. Quer dizer, a tranquilidade, ou não, que alguém tenha de saber dos seus direitos, de saber que pode cobrar, de saber...

W.S. – Sem dúvida. Mas me referi a dois problemas: um, digamos de o Brasil estar atrasado, estar pré-constitucional. O outro, o Brasil já constitucionalizado; e qual é a vanguarda dele? Isso é um movimento das vanguardas da sociedade, esse da participação do destino da mais valia. Isso é crucial. Isso pode ser resolvido, no Brasil, de uma forma com custo político-social baixo comparativamente ao que aconteceu nos outros países. E isso não um demérito. Os brasilianistas criaram a visão e a perspectiva, a embocadura, que inexistência de revoluções sangrentas, que mataram milhares de pessoas, é um demérito da história nacional. Isso não é um demérito. Tem que se estudar qual foi a virtude política que permitiu isso, quais foram os custos da estratégia. Demorou, ao fazer certas transições sociais? Possivelmente. Mas não é um demérito. Se reclama que não haja sangue...

H.B. – Não tenha corrido sangue suficiente.

W.S. – Não correu sangue suficiente. Eu acho uma maluquice.

H.B. – Mas está correndo em outros lugares, não é?

W.F. – Correu sangue à beça [inaudível] saiu de outra margem do sistema.

W.S. – Pois é.

H.B. – Você acha que esse debate inteiro de que a classe política brasileira, hoje, está menos preparada para discussões desse tipo. Você concorda?

W.S. – Eu não concordo porque isso era uma perspectiva, apenas, do chamado pequeno expediente, quer dizer, são aqueles discursos que aparecem no jornal, mas não estão nos trabalhos das comissões, que é um trabalho importante de estudar. Não, não concordo. Eu acho que era igualzinho. Elas por elas. Imagina o que esses não diriam se estivesse diante do parlamento italiano? Já pensou no parlamento italiano? E nem por isso a Itália é desmoralizada. Então não tem para lá.

F.W. – E o sistema político? Você falou que os cientistas políticos não estão... Você está vendo novos enigmas, novas frentes de pesquisas que a gente tinha que está encarando, e a gente está perdendo tempo com, digamos assim, com o varejo e não com o atacado?

W.S. – Eu acabei de mencionar um, que é essa participação na mais-valia. Está tendo essa discussão, muito séria, e faz parte do sistema político brasileiro... Montesquieu. Não a parte de Montesquieu nos Estados Unidos, falo da parte mais ampla. Muita coisa está acontecendo. Você tem que estudar direito essas ONGs. Há ONG para o bem e há ONG para o mal. Então, a associação... A máfia é uma associação. Então, o associativismo pode ser usado... E, também, não têm estudos sobre isso. Por outro lado, você está tendo algo que é uma privatização do mercado de trabalho, e da [INAUDÍVEL], seriíssima, através do reconhecimento das profissões; que, agora, não é mais para apenas o reconhecimento da profissão, é para privatizar o mercado de trabalho. Você obriga certas iniciativas a terem a participação de psicólogo, de assistente social, isso e aquilo outro. Você está, simplesmente, privatizando o mercado de trabalho, não dando chance àqueles que são indivíduos. Se você não tiver associado e, conseqüentemente, pagar a anuidade... Hoje, a cidadania regulada está em decadência, porque era uma barreira à entrada no mundo dos direitos, os direitos estão universalizados, foram universalizados a partir do Lula, agora, os direitos são universais, não tem mais por categoria profissional. As categorias profissionais estão fazendo isso através do acesso, e cobram anuidade. Você não pode exercer a sua profissão sem pagar anuidade. Isso está acontecendo, faz parte do sistema político, faz parte da sociedade; e você não está encontrando isso nos estudos da sociedade brasileira. E nem da política brasileira. A cada dia, ou a cada semana, ou a cada mês, você vê - de uma forma que parece 1930 - a demanda por regulamentação de uma profissão. É para privatizar direitos. Não é para ganhar o direito de acesso ao direito, como foi. Agora, é para privatizar aquilo que é universal. Onde estão os estudos sobre isso?

H.B. – Tem uma pergunta que a gente faz a todos os entrevistados, que é uma pergunta um pouco capciosa, e você responde como quiser. Se tem um livro, assim, uma obra de arte, ou

uma obra acadêmica, se você tivesse que dizer e que tenha tido um peso importante para você, o que você diria? Qual você escolheria? Um livro.

W.S. – Um livro?

H.B. – É.

W.S. – Não ficção. Um livro da...

H.B. – Pode ser de ficção. Um livro que tenha marcado a sua maneira de pensar e a sua...

W.S. – Eu não diria um livro, eu diria uma pessoa porque todos os livros que eu lia, eu lia com os olhos... Eu tentava ler com os dele, que foi o Álvaro Borges Vieira Pinto. Foi o meu professor de História da filosofia, na Faculdade de filosofia, e que me mostrou o que era ser intelectual. Eu aprendi com ele. Lendo alto como ele lia o texto. Lendo alto como ele interrogava a si próprio durante a aula, na minha graduação. E foi com ele que eu tive, e tenho até hoje, a ideia do que é ser um intelectual. Então foi isso que me marcou definitivamente. E antes da faculdade, eu já era metidinho. Eu lia literatura, escrevia uns contos, umas poesias. Era metidinho. Achava que ia ser intelectual e já estava no caminho. Eu aprendi foi com o Álvaro Borges Vieira Pinto, definitivamente.

F.W. – Você pode, pelo menos, socializar um pouquinho com a gente o que é?

W.S. – O quê?

F.W. – Você tem como elaborar isso para a gente?

W.S. – Como que é?

F.W. – O que é.

W.S. – Eu não sei. Talvez, eu gostaria muito que, alguns dos meus alunos que eu tive, dissessem isso de mim. Eu não sei elaborar. “A minha ideia de intelectual, eu aprendi com o Wanderley”. Isso seria, realmente, o paraíso.

F.W. – Certamente dizem. A questão é o que cada um está pensando como dizer.

H.B. – Você teve muitos alunos, e alguns que você formou particularmente. Essa atividade sua de orientação, você encontrou gosto nela?

W.S. – O maior prazer. E a orientação não precisa ser formalizada. Eu acho que sou metido, até hoje, com todo mundo eu quero ser... “Vamos fazer assim. Faz assado. Isso não é bom.” O maior prazer de compartilhar, de treinar. Sem um nome, não precisa ser um nome. O maior prazer em convivência.

H.B. – Que é um desdobramento desse exemplo. Wanderley, alguma coisa que você queria falar que a gente não falou?

F.W. – Eu tenho só mais uma curiosidade: você foi formado na Filosofia. Você acha que está faltando filosofia nas Ciências Sociais brasileiras?

W.S. – Olha, eu acho que sim. Mas deixe eu qualificar: você lendo a literatura das ciências sociais contemporâneas européias, um pouco até as americanas e brasileiras, você encontra com frequência a citação de filósofos contemporâneos, mas são esses filósofos de moda. Não é uma aplicação para valer, é um facilitário uma filosofia pelo facilitário. Como se fosse fácil, não é? Então você tem Adorno à vontade; você tem o alemão... O Habermas! Mas Habermas é duro, entende? Para você estudar o estudar o Habermas é muito duro, não é para ficar citando notinhas a três por quatro em texto que não tem nada a ver, é só para efeito de autoridade. Então, uma reflexão, um aprendizado, uma leitura sistemática humilde. Uma leitura humilde dos filósofos, e da filosofia, ajuda muito. Ajuda muito! Ajudaria, sem dúvida. Você não pode separar o estudo da Política, da Sociologia de uma concepção mais de História. Como é que você pode pensar a política sem pensar a história? Você pensa que não está pensando, mas tem uma história, aliás, muito mixuruca embutida, não é? Muito trivial embutida ali. Só que essa pessoa não tem consciência. Não se aplicou direito. Então, não só a Filosofia, eu acho que os cientistas sociais e historiadores, à parte, faltam também uma sensibilidade. [Não precisa] todo mundo ser tudo, filósofo, historiador; mas ter sensibilidade para a problemática e para a perspectiva. Mas eu acho que isso, também, não é de hoje só. Eu acho que a gente está, sempre, precisando aprender mais.

H.B. – Você, uma vez, foi fazer o seu pós-doutorado no Museu Nacional.

W.S. – Foi.

H.B. – E, quando você falou, agora, de sensibilidade, voltou-me imediatamente essa lembrança, que me lembro de você estudando Antropologia seriamente para fazer...

W.S. – Foi a ANPOCS que me perturbou, porque eu fui ser presidente da ANPOCS, tive que interromper e, depois, não deu para voltar mais.

H.B. – Mas a atitude era, um pouco, essa.

W.S. – É. Claro. Eu lia. Roy Wagner é um dos autores que, por exemplo, eu admiro muitíssimo. *A Invenção da Cultura*, eu acho que é um livro obrigatório e colocaria num curso de Teoria política, hoje, se fosse dar. Eu colocaria *A Invenção da Cultura* do Roy Wagner. Eu colocaria *Cultura e Razão Prática* do Marshall Sahlins. Tranquilamente. Essa divisão faz sentido dependendo da questão que você está tratando, Política, Sociologia. Depende, não é?

H.B. – Obrigadíssimo.

[FIM DO DEPOIMENTO]